

M. J.

O PAQUETE DO TEJO

PUBLICAÇÃO MENSAL

PROPRIETARIO E DIRECTOR

M. J. GABRAL

NOVEMBRO

N.º 5

n.º 5890

LISBOA

19—TYPOGRAPHIA RUA DO ARCO—19

(JUNTO A JESUS)

1866

O PATENTE DO TITULO

DE INVENÇÃO

PROPRIETARIO E DIRECTOR

M. N. ENRIQUE

DE INVENÇÃO

N.º 6.711

BRASIL

DE 1911

(S. N.º 1.111)

1911

Compra
-6. MAI 2010

1

O PAQUETE DO TEJO

PUBLICAÇÃO MENSAL

PROPRIETARIO E DIRECTOR

M. J. CABRAL

NOVEMBRO



LISBOA

19—TYPOGRAPHIA RUA DO ARCO—19

(JUNTO A JESUS)

1866

Compte
- 2. 11. 5. 1. 5.

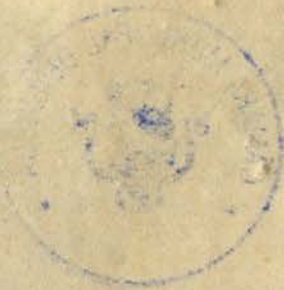
O PROPRIETARIO DO TIPO

PERIÓDICO MENSAL

PROPRIETARIO E DIRECTOR

M. J. GABRAL

REDAÇÃO
RUA DO ARAÚJO, 10
RIO DE JANEIRO



LEITOR

10 - RUA DO ARAÚJO - RIO DE JANEIRO

(COSTA A 2.ª)

1888

DUAS PALAVRAS ACERCA DA LITTERATURA

AO MEU AMIGO E DISTINGTO POETA
GUILHERME D'AZEVEDO, EM HOMENAGEM AO SEU VASTO TALENTO

A litteratura!

Esta palavra tem duas accepções geraes e distinctas: — por uma significa o conhecimento das bellas letras; — por outra abraça todas as produções litterarias d'uma nação.

O conhecimento das bellas letras é o estudo profundo de todas as partes da arte de escrever e de todas as obras ás quaes esta arte se tem applicado. Não se póde tomar por uma verdadeira litteratura a que não possue a epopeia heroica e comica, da tragedia e a comedia, as diversas especies de satyras, os contos, as fabulas, os romances, os tractados dos moralistas, a historia antiga e moderna, a primeira sobretudo, onde o merito litterario representa muitas vezes o papel principal; emfim a eloquencia applicada ás differentes especies de composições e a cada scena particular do drama e da vida humana. — Possuem-se estas cousas por duas maneiras, — pelo talento que as concebe e reproduz como photographo fiel e certo, — e por uma outra maneira, ou segundo talento, a que chamarei *juulgamento*, que se apropria do que se quer reter. Póde saber-se o fim

pelo coração, pela marcha da composição, os nomes dos personagens, suas acções e palavras, e não se conhecer a obra para que todos os elementos estão á nossa disposição. Tiro eu d'aqui uma consequencia que me parece natural, —é que a litteratura não é uma sciencia de palavras, é uma sciencia de cousas. Nunca se póde realmente ser litterato sem se estudar a arte de pensar, já nos tractados especiaes dos philosophos, já nos tractados do genio que, depois de ter advinhado regras litterarias por um instincto sublime, teve o cuidado de chamar em seguida a rasão para socorrer a faculdade de crear, d'ordenar e de combinar o que se reconheceu da natureza. Não ha litteratura sem logica: mas o homem é o grande actor do mundo, seu coração o palco onde se representam as paixões que agitam a terra. A litteratura não tem por objecto senão o de retratar o homem ao vivo; antes de tudo, deve estudar em si mesmo os movimentos que determinam suas acções que, semelhantes a ventos oppostos debatendo-se n'um mar revolto, o impellem em sentidos contrarios. Homero, instruido pela propria natureza (por que não conheço antecessores d'este grande poeta) advinhou o homem, e retractou-o com admiravel fidelidade: se não conheceis este modelo, como podereis apreciar o observador, a copia, e o pintor? Este estudo é immenso entre os gregos, Pythagoras, Eschylo, Sophocles, Euripides, Platão, Socrates, Xenophonte, Theophrasto, Plutarco e Luciano, precedidos e seguidos por uma turba d'exploradores; entre os romanos, Lucrecio, Cicero, Tito-Livio, Virgilio, Ovidio, Phedro, Seneca, sondando de continuo o coração do homem; Tacito, mesmo, testimunha dos effeitos da espantosa decadencia d'um povo corrompido pela victoria, por todos os vicios do universo e por uma tyrannia que levou seus excessos até ao sublime da atrocidade; Tacito, que vio abyssos enormes, que leu nos reconditos inacessiveis do coração dos tyrannos e dos escravos, não póde lisongear-se de que conheceu o homem. Sem falar de Shakespeare, de Milton, de Pope, entre os inglezes; de Dante, d'Ariosto, de Tasso, de Machiavello, entre os italianos; de Camões, de José Agostinho de Macedo, e ou-

tros, entre nós; de Miguel Cervantes, de Calderon, entre os hespanhoes, todos observadores e habeis pintores da nossa especie que de novas observações sobre o homem, acerca d'este Protheu insaciavel, não deve a humanidade ao sabio Montaigne? Pois bem! Montaigne, que tudo quiz saber, que não occultou nada do que se passava no seu coração, e nos d'aquelles que pode estudar, não nos disse tudo. Depois, La Brujera que o estudou sob novos pontos de vista; depois, La Rochefoucaut, auctor de tristes descobertas, publicando-as com o prazer da malignidade; depois, Pascal, medindo com espanto a grandesa e a baixesa, o poder e o nada do homem, — do homem que explica o universo, que dá a natureza, mas que se não reconhece a si mesmo nem póde resistir aos mais grosseiros desejos; Bossuet e Fenelon, Massillon o contemplador tão sabio como elles em moral, tão profundo na observação, mas mais livre de todos os prejuizos, e embebido n'esta alta philosophia que rejeita a adulteração da verdade com o erro, acharam ainda um vasto campo d'observação no coração do homem, cuja dimensão é pequena e a capacidade moral grandissima. Poderei esquecer La Fontaine, o Moliere da fabula, egual ao seu Democrito, que os abderitanos encontraram sempre occupado a ler nos labirintos d'um cerebro, meditando sem cessar no coração humano aberto ante elle? N'esta rapida revista é preciso assignalar logar aos modernos romanos, que se podem avaliar como photographias do homem, a maior parte muito mais verdadeiras do que as que até hoje tem usurpado este nome, ainda qua contenham hyperboles, admittidas sem escrupulo, e ampliadas por escriptores que mentiram maliciosamente em proveito do seu paiz natal. Fielding, Richardson, Le Sage e seus rivaes, que pintores!... e que de riquezas juntaram ás vastas galerias dos retractos do homem de todos os tempos e de todos os logares?... Depois de todos estes segadores de verdades, a materia de observações parece se devia esgotar: não foi assim: appareceu esse J. J. Rousseau, o juiz inexoravel de si mesmo, que investigou mais a sua consciencia do que Santo Agostinho a sua, que descobriu o segredo dos maus pensamentos do espirito e do

coração, deixando-nos por orgulho ou por philosophia, uma obra que devia servir de continuação aos commentarios de Montaigne sobre o homem.

Depois do estudo do homem em geral, era absolutamente necessariõ passar-se ao estudo do homem em particular, modificado pelo clima, pelas leis, pelos costumes que d'aqui resultam, pelos differentes gráus de civilisação, pelas decadencias e grandesas dos paizes em que vivem. Oppomos, por exemplo, os romanos do consulado dos tempos de Cesar, aos contemporaneos do velho Augusto e de Tiberio, seu successor, desgenerados da liberdade por um chefe, mas sempre os primeiros soldados do mundo, á vil populaça do imperio, que depõe as armas aos pés dos barbaros: reconheceremos estes homens como filhos da mesma nação?

Differenças não menos evidentes nos ferem em comparação de diversos povos, quasi todos assignalados na sua origem por um traço luminoso que se apaga pouco a pouco com o decorrer dos seculos; e assim, apesar da conquista dos romanos, do encrusamento de raças com os francos; apesar da invasão dos barbaros, a raça dos gauleses conservou por muitos seculos ainda assim o seu verdadeiro typo tão bem descripto por Cesar; os costumes dos selvagens habitantes da Germania, immortalisados pela penna de Tacito, vivem ainda a muitos respeitos na Allemanha civilisada.

Todos estes estudos entram necessariamente nos trabalhos do litterato; pois que sem elles faltar-lhe-iam as bases para cimentar os seus julgamentos. Mas o homem é sobretudo um ser moral: o litterato deve pois estudar as leis da moral. Umas, universaes e soberanas, formam de certo modo a consciencia do genero humano; outras, particulares e dominadoras absolutamente de tal ou tal sociedade, formam a consciencia de um povo. As primeiras, ainda que gravadas, e por assim dizer, innatas ao coração do homem, luz da intelligencia e do sentir, como o sol é para o dia, são tão claras que deveriam ser respeitadas: — porque trazem consigo uma convicção que não falta a ninguem no silencio das paixões. As segundas violam em certas occasiões as primeiras: — umas vezes vem este mal do estado social no

paiz, ou no mundo, no momento da instituição de um povo; da ignorancia e dos preconceitos do legislador; outras, de circumstancias que dominaram seu genio, impondo-lhes fins particulares. Alem d'isto as vantagens de uma posição dominadora, uma supremacia natural, e confirmada pelo tempo, á qual uma nação poderosa, não póde renunciar sem decair e perigar talvez, o poder de um interesse que anima todos os cidadãos desde o primeiro até ao ultimo, levam a isolação ás leis geraes da moral; alem d'isto tambem, é uma das mais nobres e uteis virtudes do homem a que o arrasta a ponto de querer fundar sua gloria e prosperidade sobre a vergonha e ruina dos outros. Era por isto que o desenfreado amor da patria levava os romanos a destruir a liberdade de Italia, em seguida ao crime de conquistar o universo da mesma maneira que para nos pronunciarmos sobre as duas nações que disputaram o imperio do mundo, debalde buscamos os annaes de Carthago, destruida pela cruel e ciosa perspicacia da sua rival.

Mas quando nos julgamos assás felizes por depararmos com os materiaes que nos esclarecem sobre o merito dos escriptores, como pintores fieis, resta-nos depois de termos formado a nossa opinião pela comparação do modelo com o quadro, uma mais grandiosa missão a desempenhar: é a de julgar em nome da razão, o povo e o escriptor, de os reduzir um e outro ao seu justo valor, e depois corrigir, se tanto é possível, os erros de uma injusta admiração. Eis aqui como a litteratura se ligou á philosophia, arbitra suprema de tudo que deve obter os suffragios de uma nação civilisada.

Nasceu a critica do que procede: discipula da razão e da philosophia, forma parte integrante da litteratura, que sem ella e sem o estudo do coração humano, apenas seria uma vã occupação do espirito e um frivolo ornamento da memoria. Segundo Montaigne *a critica é uma arte suprema*. Apparentemente o mundo pensa como philosopho: porque concede a immortalidade aos mestres d'esta arte, assim como aos grandes genios, cujas producções pesou sobre a balança da justiça e da imparcialidade. Por ultimo, estas honras

de igualdade de glorias decretadas pela critica, não são sem fundamento: todavia apesar dos erros em que o genio cae quando se distrae da funcção de crear para se entregar á de caracterisar as producções dos outros, as mais altas lições da critica são, nas obras primas, fructos da inspiração e da meditação dos homens superiores, pois que essas mesmas obras são os mananciaes onde os juizes de profissão vão beber as regras que lhes servem de guias. E' de notar aqui, ainda que de passagem, que os grandes escriptores, instruem-nos tanto pelas suas faltas como pelas suas bellezas; mas ensinam-nos tanto como aquelles que nos inspirou viva admiração, e isto porque nos obrigam a condemnar as suas doutrinas, mostrando-nos a espantosa differença do verdadeiro ao falso, do natural á affectação, do sublime ao ridiculo. Mas qualquer que seja a auctoridade d'estes criticos que por exemplo a introduzem em suas obras, qualquer que seja a confiança que concedamos aos escriptores que dedicam sua vida á occupação de serem os oraculos da litteratura, nem esses nem outros bastam para as necessidades do seculo, assás esclarecido para reunir todas as obras sob o unico titulo de philosophia. E com effeito, graças ás luzes que esta sciencia tem espargido, graças á ordem que estabelecem pelos seus sentimentos, ás idéas as mais justas que inculcou aos espiritos, ao cuidado de tomar as cousas pelo seu preço real, de organizar as fileiras no templo da gloria sobre os direitos legitimos, e não sob a usurpação e renomeada, quasi todos os julgamentos litterarios esperam ainda um outro,—o julgamento dos seculos, porque o primeiro podia ter sido pronunciado na idade infantil da sociedade. Foi para se preparar, para se antecipar a este julgamento que a critica foi creada, funcção que deve elevar regularmente o litterato dos nossos dias, dando-lhe mais alta idéa de si mesmo, dos seus trabalhos, dos seus deveres, e do nobre logar na memoria dos povos que lhe está reservado.

A erudicção faz tambem parte da litteratura; nem podia deixar de ser, porque comprehende o conhecimento dos factos, dos logares, dos tempos, dos monumentos, dos usos e

costumes, exigindo ainda uma iniciação completa nos profundos conhecimentos dos trabalhos eruditos, para esclarecer os factos, fixar as epochas, explicar os escriptos dos antigos e os monumentos dos povos de outr'ora aos povos de hoje. Sem duvida a erudicção pertence essencialmente á litteratura, mas compõe-se de uma sciencia á parte, que tem seus adeptos, seus ministros, e seu templo privado; ora, sem a separar da litteratura, o que seria um absurdo, achamos que era o soccorro d'esta alliada, muitas vezes não se poderia comprehender os auctores que se exforçam por interpretar, deixemos a erudicção na sua esphera particular, porque todos os litteratos devem ser eruditos e todos os eruditos litteratos.

A segunda accepção da palavra *litteratura*, que abraça todas as obras litterarias de uma nação,—liga-se a uma idéa principal,—á necessidade de comparar todas as litteraturas entre si, primeiro meio para se começar a formar o julgamento solemne de que fallei. Quando o mundo não conhecia se não duas litteraturas, a grega e a romana, faltavam-lhe elementos para este julgamento: apoderemo-nos pois das vantagens, das riquezas que devemos aos povos versados; elevemo-nos acima de tudo, do amor proprio de nação, dos habitos de educação, dos preconceitos de eschola; examinemos, e ver-se-ha que deve resultar d'esse exame uma litteratura maior, mais alta, mais vasta, mais original, mais attentiva, a representar fielmente o homem e os homens, sobre tudo mais isempta de convenções, que nos dão um retrato de phantasia, por um retrato tirado ao natural.

F. de Abreu Marques

COLONIAS

(Continuação)

O governador D. João Manuel de Noronha, que entrava no exercicio das suas funcções em 1713 occupou-se desde logo em melhorar segnndo lhe pareceu mais conveniente as fortificações de Loanda, por haver não infundado receio de que a esquadra do celebre *Du Guet Trouia*, na volta do Rio de Janeiro, fizesse alguma tentativa contra Loanda. Em quanto o governador estava applicado a estas occupações rebellaram-se os Sovas de Quitata e Canhamto, contra os quaes mandou marchar o capitão-mór de Caconda, Luiz Ferreira, que lhes impoz duro castigo. Em Muxiana houve um alvoroço, que quasi chegou a sedição, durante o qual os Quissamas tentaram apoderar se do presidio, o que não conseguiram, por ter acudido o capitão Pedro Moreira Carvalho o qual castigou os amotinados e os invasores.

No governo de Henrique de Figueiredo e Alarcão (1717), successor de D. João Manuel de Noronha, teve lugar uma grande conjuração dos Sovas visinhos de Caconda e de alguns de Benguella contra o presidio de Caconda. O governador de Caconda José de Nobrega e Vasconcellos defen-

deu-se valorosamente, e sendo soccorrido pelo capitão-mór de Benguella Manuel Simões, ambos obtiveram completa victoria do poderoso exercito dos conspirados, recolhendo se carregados de despojos. Alevantaram-se algumas quadrilhas de salteadores na Ibamba, as quaes foram destruidas depois de receberem o merecido castigo. No tempo d'este governador foi prohibido aos governadores, e aos empregados de fazenda, de justiça e militares fazerem qualquer sorte de commercio.

A Henrique de Figueiredo e Alarcão succedeu Antonio d'Albuquerque Coelho de Carvalho (1722). No seu tempo renovou-se a conjuração dos sovas do sertão de Benguella; porém foram de tal sorte escarmentados pelo capitão-mór Manuel Simões, que ficando inteiramente derrotados, deixavam seguro e tranquillo o nosso dominio n'aquella região. Loanda progrediu prosperamente. Foi creado o logar de juiz de fóra durante este governo. O juiz de fóra era ao mesmo tempo juiz dos orphãos e provedor dos defuntos e ausentes, assim como o ouvidor era ao mesmo tempo provedor da fazenda, e audictor militar. O governador tratou de restabelecer o presidio de Quicombo.

Por morte d'este governador em 1725 ficou fazendo as suas vezes José de Carvalho da Costa mestre de campo; do qual foi successor em 1726 Paulo Caetano d'Albuquerque, o qual construiu um novo forte para crusar com o do Penedo e fez, na praia, quartel para a cavallaria. Quando mettia mãos a outras obras de importancia, falleceu (1732) atacado de repentina doença.

Rodrigo Cesar de Menezes, que tomou posse do governo em 1733, teve guerra com os Guissamas que desbaratou; fez o segundo baluarte da fortaleza de S. Miguel, còmeçou e adiantou um lanço da cortina da mesma fortaleza, e sendo rendido em 1738, falleceu na viagem para Portugal.

Foi successor de Rodrigo Cesar o activo João Jacques de Magalhães (1738). Este, sem se dar ao descanço, acabou anteriormente a fortaleza de S. Miguel, e renovou e alargou a casa da residencia dos governadores. Fez guerra á rainha Ginga, que mandara matar um negociante, e con-

sentira no roubo de alguns pombeiros. O capitão-mór Bartholomeu Duarte de Sequeira, á frente de um poderoso exercito lhe tomou as ilhas de Coausa, e entrando pelo sertão até á barra de Metamba, obrigou a rainha Ginga a pedir a paz que lhe foi concedida, fazendo ella cedencia á corôa portugueza das ilhas de Quinalonga. Terminada tão gloriosamente esta campanha, tomou novamente o governador as armas para castigar alguns sovas da Quissama, o que pôz por obra com fortuna igual á em que sempre e acompanhara.

Depois da morte de João Jacques de Magalhães (1748), governou por espaço de seis mezes uma junta composta do bispo, ouvidor e sargento-mór. Como os membros da junta estavam entre si mal-avindos, nada ella fez digno de memoria.

Sucedeu á junta o conde de Lavradio (1749), que alevantou dos fundamentos o novo edificio do Trem, que actualmente existe; concertou e melhorou a cathedral; creou alguns regimentos de melicias; destruiu as quadrilhas de saltadores, que infestavam as visinhanças da capital, e promoveu com o maior zelo a industria e o commercio.

Em 1753 veio tomar conta da administração do reino de Angola D. Antonio Alvares da Cunha, que remetteu para Lisboa amostras de ouro e crystaes das minas do rio Lombigue. São obras do seu governo o quartel de infantaria e o excellente quartel de cavallaria, bem como a conclusão da fortaleza de S. Pedro do Morro da Cassandama em 1756. Os sovas de Benguella, que tinham commettido varios excessos contra os bombeiros portuguezes foram castigados opportunamente, começou fortificações na barra, que não póde levar a cabo, e tentou canalisar, e elevar a Loanda a agua do Benga.

Antonio de Vasconcellos, que substituiu D. Antonio Alvares da Cunha em 1758, fundou (1759) o presidio de S. José de Encoge na celebrada pedra d'Encoge, conquistada pelo capitão Francisco Manuel de Lira sobre o dembo de Ambuila. Esta pedra é uma verdadeira maravilha da natureza, pois que no seu recinto, devidamente fechado, se

podem alojar tropas inumeraveis. No tempo deste governador foi demolida a antiga casa da habitação dos governadores, e começada a edificação do novo palacio. Tambem no seu tempo foi descuberta em Angola a pedra calcarea, e se começou a fabricar a cal. A tranquillidade e segurança dos moradores de Loanda, e acaso de toda a provincia esteve terrivelmente ameaçada, mas por boa fortuna descobriu-se a tempo a conspiração dos degradados, planeada e promovida principalmente por um degradado de nome José Alves. Os conspiradores propunham-se matar o governador e os officiaes, e auctoridades, e pôr a saque a cidade. Os conspiradores foram presos, e julgados competentemente, e os cabeças receberam no patibulo (1763) o castigo do seu crime.

Seguiu-se logo em 1764 o governo de D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, que ficou para sempre memoravel. D. Francisco Innocencio póde ser denominado o civilizador de Angola; pois que até á data do seu governo aquella possessão devia considerar-se em estado de verdadeira barbaria. Este governador fez a favor da civilização d'Angola no seu governo de oito annos e tantos mezes mais do que todos os seus antecessores tinham tentado ou podido fazer. Logo de principio tratou o governador de melhorar a agricultura, a que deu impulso, procurando introduzir um systema muito mais aperfeiçoado, promoveu a industria, diligenciando desenvolvê-la e encaminhal-a utilmente em commum vantagem dos particulares e da causa publica, e regulou as cousas do commercio, esforçando-se para banir dos contractos a má fé, e introduzir n'elles a verdade e a confiança. Ainda então não era chegada a hora da extincção do trafico da escravatura, tropeço invencivel para todos os aperfeiçoamentos civilizadores; mas D. Francisco Innocencio fez tudo quanto era possivel para compensarem as terriveis consequencias do seu malefico influxo.

Occupou-se ao mesmo tempo o activo e previdente governador de reformar a legislação fiscal e militar, cortando resolutamente enormes abusos, e pondo freio ás delapidações, que eram sobremodo escandalosas, e por este meio favore-

ceu os pobres, reprimiu os poderosos, e duplicou as rendas publicas.

Para prevenir a carestia dos cereaes, e a fome, que muito frequentemente avexava os habitantes de Loanda, fundou o terreiro publico.

Incançavel fez construir um arsenal, um trem, uma nova casa d'alfandega com excellente caes, e a todos estes estabelecimentos deu os necessarios regulamentos. Além d'isto creou a fabrica de ferro de Peiras, junto ás minas de ferro de Colungo, e ali tambem estabeleceu uma fundição, onde se fundio artilheria da qual ainda hoje resta alguma. Construiu no local do forte de Penedo a fortaleza de S. Francisco, sobremaneira importante para a defesa do porto, que fecha totalmente. Alevantou a casa da junta da fazenda, e concluiu o novo palacio da residencia dos governadores. Os presidios chamavam de modo particular a sua attenção, e em todos fez obras importantes. O de Caconda foi transferido para local mais sadio e mais seguro, pondo os moradores do presidio ao abrigo dos insultos dos jagas, povos valentes e inquietos, quasi nomades, e que são tão bons aliados como perigosos. Estes povos são oriundos do interior d'África, e facilmente se transportam de uma para outra parte, segundo lhes convem, e que no Congo chamam *zimbo*s. Alguns se tem fixado nas fronteiras de Angola, como são os de Cassange e Bailundo.

Benguella tambem mereceu os cuidados de D. Francisco Innocencio, que reformou a sua legislação fiscal, e fundou a sua actual fortaleza, creando o presidio do *Novo Redondo*; na foz do Gunza, para escala de commercio entre Benguella e Loanda.

Á instrucção publica deu este esclarecido governador desvellada attenção creou varias escholae de instrucção primaria em Angola e Benguella, e uma aula de geometria e fortificação em Loanda. Esta aula foi muito frequentada durante alguns annos, mas, tendo morrido, ou retirado os antigos professores, que não foram substituidos por homens competentemente habilitados, cahio inteiramente. Cuidando do espirito, não descorou os corpos, e creou os hospitaes

das Misericordias de Loanda e Benguella, a que fez dar bons regimentos.

Durante estas occupações tão importantes teve a sustentar porfiada lucta ao norte e ao Sul com o dembo de Ambuela e os sovas de Caconda. A victoria coroou sempre a actividade e pericia dos seus capitães. Entretanto, verdadeiramente esclarecido, D. Francisco Innocencio reconheceu que por via da religião havia de conseguir mais d'aquelles barbaros indomitos, e promoveu com o maior zelo a propagação do christianismo, afim de por elle os conquistar suavemente para a civilisação.

Não levarei mais longe as noticias d'este governo, por que não o consente a natureza d'este escripto, e me resumirei dizendo, que não hade esquecer nunca em Angola o nome de D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, e que todos os governadores das provincias ultramarinas deveriam ser escolhidos pelo typo d'este bem lembrado governador.

(Continúa.)

D. J. DE L.

SOCIEDADES DE CREDITO

(Continuação)

Prometti no antecedente numero tratar do regimen e administração das sociedades de credito, é este o ponto mais espinhoso, assumpto mais complicado, e finalmente tarefa mais ardua a que me propuz; é ponto espinhoso porque tendo de emittir a minha opinião sobre o modo, forma e maneira d'esta administração necessariamente terei de encontrar talentos altamente illustrados que já tem tratado d'esta questão; é assumpto complicado por isso que havendo varias opiniões sobre este mesmo ponto a doutrina hade contradizer-se e por tanto não poderá ser dogma, mas sim ponto de fé e crença por esta ou aquella opinião; é tarefa ardua porque sendo superior á minha limitada intelligencia, cahí na censura de annunciar uma proposição cuja these não saberei defender; entretanto visto que a annunciei, hoje seria um acto de cobardia se recuasse deante da barreira que se me antolha, lembrando-me só da minha posição inferior, despresando a alta missão de escriptor, fugindo do campo legal, a imprensa livre, mas sem licença, e com respeito ás cathogorias sociaes.

Determinam os estatutos d'esta companhia no cap. 5.º, art.º 63—«que o poder superior da companhia reside na sua Assembléa Geral» não é doutrina nova é norma de todas as Associações, nem podia ser o contrario porque a somma total do capital social é que aprova ou regeita os actos praticados pelos seus delegados, gerentes da sua administração.

Em seguida vem o art.º 64 que diz que «os negocios da Companhia serão geridos e administrados por um governo central residente em Lisboa, composto de um governador, um ou dois vice-governadores, um conselho d'administração e uma commissão fiscal.

Mais adiante nos art.ºs 65 e 66 diz que haverá delegações no Porto e em Paris e um commissario geral para inspecionar os serviços da companhia no estrangeiro.

Modelados estes Estatutos segundo o *Credito foncier de França*, foram apropriados e o mais aproximadamente possível á nossa legislação e necessidades d'este paiz, com tudo deslisão-se no meio das suas disposições, algumas inexequiveis porque tambem a nossa legislação não é completamente modellada pela legislação franceza.

Não censurarei o genio que presidio a confecção deste estatuto, observarei porem que designando o artigo 76 que o conselho de administração seja composto de dezaseis administradores, dos dois vice-governadores, e presidido pelo governador, assistindo tambem a commissão fiscal e o commissario geral, mais adiante no artigo 81 determina que este conselho possa funcionar com cinco administradores presentes, além do governador presidente e dos vice-governadores, e mais adiante artigo 82 «que as deliberações do conselho serão tomadas por maioria de votos dos vogaes presentes.

Estabeleceu-se n'este artigo 82 que a maioria decide a questão; e porque rasão senão estabeleceu o mesmo principio no artigo 81? Pois cinco membros é a maioria de dezaseis? Estão portanto em contradicção estes dois artigos, e a rasão é clara; supunhamos uma questão importante para a companhia, propõe-se-lhe um emprestimo de avultada quantia d'um municipio cuja garantia é simplesmente a lei especial que o auctoris a contrahir o emprestimo por meio

de consignações deduzidas dos seus rendimentos, falliveis na base e na sua arrecadação; o conselho segundo o artigo 82 approvou este emprestimo por maioria de tres votos, logo dois dos presentes rageitaram-n'o, e os onze restantes o que fariam? Não podemos invocar o principio de que quem não comparece delega nos que se apresentam, porque n'este caso a lei sanciona a ausencia, podemos talvez interpretar o silencio, e na comparencia daquelles onze membros como um signal de desaprovação, e em que circumstancias fica a companhia e os interesses dos seus accionistas se o referido emprestimo tiver mau exito? quem é o responsavel pelos prejuizos causados por uma deliberação tomada por tão pequena maioria? claro está que o defeito organico, nesta parte, da companhia ou do seu conselho de administração é a causa derimente dos mesmos prejuizos.

Diz o § 1.º do artigo 82 que os vogaes do conselho tem um voto seu proprio, e não poderá ter mais do que um outro em virtude de procuração; ora dado mesmo o caso que os tres membros da maioria dos presentes que deliberou sobre aquelle negocio todos tres tinham procuração, foram portanto seis votos, restam por conseguinte ainda dez que racionalmente podemos suppor negativa, em todo o caso é uma maioria muito diminuta decidindo os negocios importantes da companhia.

No art.º 85 diz «que os membros do conselho de administração, obrigando nos termos d'estes estatutos a companhia para com terceiras pessoas, não contraem para com ellas responsabilidade alguma pessoal, mas sómente respondem para com a companhia pelo adimplemento do mandato acceito;» e como podem estes membros responder pelo adimplemento d'esse mandato acceito, se a lei lhe sanciona o desprezo d'esse mesmo mandato?

Parce-me que a imitação d'estes estatutos com os do credito foncier de França não foi muito feliz, por isso que seguindo-se em França uma marcha muito differente na gerencia dos negocios d'aquelle estabelecimento nenhuma analogia tem com o systema adoptado em Portugal na Companhia Geral de Credito Predial Portuguez.

É este um dos pontos que as futuras Assembleas geraes se devem occupar de reformar para em seguida obterem do Governo do Estado a alteração dos seus estatutos na parte administrativa dos negocios da Companhia.

Analisaremos no numero seguinte mais alguns pontos sobre que se precisa fazer um serio estudo.

(Continúa.)

F. T. Pinto Furtado.

CARTA

DO

SENHOR DUQUE DE SALDANHA

AO SR. J. M. LATINO COELHO

..... amigo e sr.—Admirado v. de não ter visto o meu nome entre aquelles das pessoas que tinham assistido á inauguração da estatua do immortal dador e restaurador da carta; fiado na nossa antiga amisade, pede-me que lhe diga a razão que obrigou o chefe de estado maior do imperador a não estar presente n'aquelle acto solemne, celebrado na cidade do Porto; e pede-me tambem que lhe especifique os serviços por mim prestados n'aquella cidade, desde que desembarquei na Foz até que tive a gloria e ventura de fazer levantar o cêrco que por tanto tempo a atormentou.

Para satisfazer á segunda das perguntas da sua carta, que o correio hontem me trouxe, é necessario ir um pouco além do dia 28 de janeiro de 1833, em que desembarquei na Foz.

S. M. I. o corajoso e valente duque de Bragança, quando em Paris organisava a expedição contra seu irmão, tinha-me dito que eu seria o seu chefe do estado maior; e isto não obstante ter dado ouvidos aos meus inimigos, isto sem embargo de acreditar que eu tinha idéas republicanas.—

Fui uma manhã chamado pelo imperador, e, apenas entrei disse-me S. M.: «que ia exigir de mim um grande sacrificio, mas indispensavel para conseguir-se o bom resultado que ambos desejavamos.» Habitudo ás insidiosas propostas de meus adversarios, que por todos os modos tentaram na emigração sacrificar-me ¹, imaginei que se ia exigir de mim alguma temeraria tentativa, e respondi: «que, fosse qual fosse o sacrificio, estava prompto.» Hontem (disse o imperador), o embaixador de Hespanha veiu dizer-me, na presença do ministro dos negocios estrangeiros e na dos embaixadores de Inglaterra e da Austria, que, se o general Saldanha fizesse parte da expedição, meu tio e seu amo Fernando VII poria á disposição de meu irmão quarenta mil homens; e que se conservaria em perfeita neutralidade se eu lhe dêsse a minha palavra de honra que v. não fa-

¹ Seria possivel apresentar a v. muitos factos, que provam esta asserção, limitar-me-hei a um só. D. Thomaz Mascaranhas, que em Londres era o agente da regencia na ilha Terceira, chamou-me áquella capital, estando eu em Paris. Reunidos ambos com José da Silva Carvalho, disse D. Thomaz que o sr. Silva Carvalho estava eucarregado de fazer-me uma proposta de parte da regencia. Este disse que se poria á minha disposição uma boa embarcação que me levaria á ilha da Madeira a pôr-me em terra para fazer alli a revolução.—A idéa era luminosa. Se eu acceitasse, horas depois de ter desembarcado seria enforcado e queimado, ao que estava sentenciado; se não acceitasse, a minha recusa seria arma poderosa para me desacreditar com a bella historia que apresentariam para provar qua eu não queria arriscar me pelo bem da causa. Conhecia eu bem o terreno que pisava, e por isso respondi que estava prompto, que voltava a Paris a preparar-me, e que duas horas depois de receber aviso partiria para Londres; mas que punha uma unica condição, e era que José da Silva Carvalho me acompanharia e saltaria em terra comigo.—V. por certo não necessita que eu lhe diga que nunca mais ouvi fallar em tal tentativa.

ria parte da expedição.—Difficil é formar-se uma idéa exacta da impressão que recebi, mas disse ao imperador: «que não podia deixar de gloriar-me por ver a valia em que era tido por S. M. Catholica, mas que lembrava a S. M. que eu era conhecido como soldade na Europa e na America, e que necessitava fazer saber a causa que me impedia de tomar parte na expedição»; ao que o imperador respondeu, auctorisando-me a fazer nos jornaes a declaração do que se tinha passado.—Da rua de Courcelles, onde morava o imperador, fui fallar ao presidente do conselho, mr. Cazimir Perrier, que, segundo o costume, me recebeu immediatamente; e que á pergunta—se sabia o que havia a meu respeito—respondeu: «que o general Sebastiani, ministro dos negocios estrangeiros, saindo de casa do imperador, o tinha informado da declaração feita pelo embaixador de Hespanha na sua presença e na dos embaixadores de Inglaterra e Austria.» Não podendo duvidar do facto, publiquei no dia seguinte no *Nacional*, jornal de que para sustentar a minha familia na emigração eu era collaborador, pelo que recebia seiscentos francos por mez, uma carta aos meus companheiros de emigração, dizendo-lhes a causa por que não faria parte da expedição, e pedindo-lhes em nome da patria que isso não servisse de motivo para ficarem em inacção.—Eu sabia que tal recommendação era necessaria.

Mal iam as coisas no Porto quando os clamores do exercito obrigaram o governo a chamar-me. Mas, para me não dar consideração, o que fez? Mandou ordem para recolherem para o Porto todos os emigrados militares que estavam em paizes estrangeiros; e o imperador escreveu a S. M. a imperatriz para que pedisse a El Rei Luiz Philippe que mandasse o general Exelmans para ser o seu chefe do estado maior. Exelmans, declarando que iria com muito gosto, se o governo lh'o ordenasse, disse que sem ordem o não faria, porque era um tenente-general de imperio, e não um aventureiro. Não permittindo a politica que tal ordem se dêsse, houve recurso ao marechal Soult, que estimou infinito a occasião de se ver livre do general Solignac, o qual com muito gosto aceitou a commissão.—Solignac commandava em

La Vendée quando a duqueza de Berry alli andava; e foi muitas vezes accusado pela imprensa de ter deixado fugir a duqueza.—Mas elle tinha ordem positiva do ministro da guerra para assim o fazer, e depois que se lhe acabou a commissão, ameaçava todos os dias o marechal Soult de publicar a sua correspondencia a respeito da duqueza de Berry, se lhe não dêsse um bom emprego. A recusa de Exelmans foi por tanto muito agradavel para o marechal Soult, porque lhe proporcionou a occasião de se ver livre de Solignac, fazendo-nos aquelle bom presente.

Logo que o general Lafayette, meu sincero amigo, soube que eu me preparava para partir para o Porto, foi a minha casa com o almirante sir Sidney Smith, e ambos com o fim de me dizerem que não devia ir sem receber uma carta do proprio imperador; mas eu respondi-lhes que, tendo a persuasão de que a minha presença poderia ajudar os meus camaradas, por má e pequena que fosse a entrada para ir ter com elles, não deixaria de a aproveitar.

Havia eu sido atacado de uma ictericia horrivel, em consequencia do desgosto por não fazer parte da expedição; mas principiei a melhorar logo que vi que podia ir ajudar os meus camaradas. Recebi a visita do general Lafayette, que me foi apresentar o general Solignac, o qual começou por fazer grandes profissões de republicanismo; que moderou quando eu lhe disse que o general Lafayette me considerava como seu filho ² sabia quaes eram os meus principios monarchicos, e então como verdadeiro gascão continuou dizendo: «sairemos do Porto, e eu commandando o exercito, e v. a vanguarda com a Carta Constitucional na mão, entraremos em Lisboa.»

Os generaes Stubbs e Cabreira meu irmão Drmingos de

² A uma deputação de portuguezes presidida por Leonel Tavares Cabral, que foi cumprimentar o general Lafayette depois dos tres dias de julho, disse Lafayette: «só tenho um filho, e posso-vos dar a minha palavra de honra, que não o amo mais do que amo ao vosso general Saldanha», e continuou fazendo o meu elogio.

Saldanha, Leonel Tavares Cabral, José Liberato e outros emigrados de distincção, quizeram acompanhar-me, e todos nos reunimos em Falmouth, na vespera em que devia sair o paquete para Lisboa, no qual queriamos embarcar para na altura do Porto nos passarmos para bordo da esquadra constitucional. Apenas chegado a Falmouth, fui tomar logares para mim e meus companheiros, e dizendo-se me que os não havia, fui procurar o commandante do paquete que devia sair no dia seguinte, e offereci-lhe o que quizesse por tres macas de marinheiro, para mim e para os outros dois generaes. Com a recusa absoluta do commandante, fui perguntar ao capitão King, meu antigo amigo e que commandava o porto de Falmouth, qual seria o paquete que devia partir na semana seguinte, para de ante-mão tomar logares. Pelo modo com que me respondeu, dizendo-me que algumas vezes o almirantado alterava a ordem que deviam seguir os paquetes; persuadi-me que havia alguma ordem secreta a meu respeito, e pedi ao capitão King que me fallasse em outro quarto; e quando estivemos sós, e assegurando-lhe pela minha honra que o não comprometteria, perguntei-lhe qual era a razão dos embaraços que encontrava? E elle, confiando em mim, disse-me: «—Temos as mais positivas ordens para embarçar a sua saída para o Porto.» Era o primeiro ministro o meu velho general e amigo o duque de Wellington que, já pelas balas das suas embarcações de guerra, tinha evitado que eu desembarcasse na ilha Terceira.

Immediatamente tomei uma carroagem de posta; fui a Plymouth, mesmo de noite; visitei no porto as embarcações que havia, afretei uma escuna americana que immediatamente fiz partir para Falmouth, e tive a satisfação de fazer-me de véla, com todos os companheiros antes que no dia seguinte sahisse o paquete, e em embarcação inteiramente ás minhas ordens.

Chegados á altura do Porto, já de noite, fui logo a bordo da fragata onde estava o almirante Sartorius que, recebendo-nos com toda a formalidade, nos aconselhou que voltássemos para Inglaterra, porque o nosso desembarque só

faria augmentar o numero das victimas—que o general Solignac, quatro dias antes, tinha feito uma sortida, e tinha sido batido; que elle tinha trazido o cholera morbus, que reinava com furia na guarnição; que não havia polvora, e só arroz para poucos dias. Apenas Sartorius acabou, exigido do general Stubbs, que me tinha acompanhado a bordo do almirante, segredo do que ouviu; e pedi ao almirante um pratico que durante a noite guiasse a lancha do navio em que vinhamos ao logar do desembarque. O desembarque fez-se com felicidade, não obstante o fogo cruzado do inimigo. Tão fria foi a recepção que tive do Imperador, como ardente e sincera a dos meus antigos camaradas, e por toda a linha se mandaram ao inimigo bombas descarregadas, que levaram a noticia da chegada do general Saldanha.

Na manhã seguinte ao dia em que desembarquei, recolhendo de visitar as fortificações, encontrei o Imperador que me perguntou como achava a linha?—Muito má, (foi a resposta,) e tanto que tenho a convicção que ha quatro ou cinco pontos por onde eu entraria com qualquer dos regimentos que commandei—mas o peor é que, no momento em que no exercito inimigo appareça quem encare a situação como ella é, Vossa Magestade, fechado hermeticamente, será obrigado a render-se.—Mas, como? redarguiu o Imperador?—O inimigo (continuei eu) tem já uma fortissima bateria em Serralves, junto a Lordello: da bateria ao forte do Castro, para onde dirigem a linha, é mais de uma legua; e da mesma bateria ao Douro é muito perto. Se, em logar de continuar a linha, para o mar a fizessem descer ao rio, impossivel, absolutamente impossivel, seria o receber munições de guerra e de boca.

Na noite seguinte, houve conselho de generaes e dos chefes engenheiros. Todos convieram no que eu tinha dito: mas accrescentavam que eu sabia como elles que, com os meios de que se podia dispor, seriam necessarios cinco annos para nos fortificarmos até ao mar, e que seriam necessarios tambem cinco mil homens pelo menos para defendermos essa linha, o que não tinhamos.—Tudo isso é exacto, mas não o é menos o que eu digo (repliquei eu,) e muito mais depois de se ter apresentado esta

idéa, que agora não tardará muito que chegue aos ouvidos do inimigo. E, voltando-me para o Imperador, disse: «Vossa Magestade perde muito pouco perdendo-me a mim: dê-me quinhentos homens, sairei das fortificações, e veremos o que se póde fazer.» Apoiado na Foz, reconhecendo o terreno, vi que de um pinhal, occupado pelos piquetes inimigos, se descobria a pequena praia onde de noite desembarcavam os viveres e munições. No dia seguinte fui á cidade dizer ao marechal Solignac que era de absoluta necessidade occupar o pinhal em frente do monte de Castro. Solignac disse-me: Conheço bem a posição, porque ahi me bati no dia 24; mas a tiro de pistola tem o inimigo um reducto com peças de 24; seria a mais louca temeridade tentar estabelecermo-nos alli, e eu ordeno, da maneira a mais positiva, que tal movimento não tenha logar.—Sai triste da cidade, convencido de que tudo se perderia se não se occupasse o pinhal: e persuadido que a minha consciencia sempre me accusaria de ter em taes circumstancias obedecido a um homem incompetente, e que, por nossa desgraça, tinha vindo occupar logar tão importante; com aquella firme resolução que inspira o verdadeiro amor da patria, pela meia noite d'esse mesmo dia, com quatro companhias do regimento 10, ataquei á bayoneta o piquete; estabeleci-me no pinhal; e quando o major Barreiros, depois visconde da Luz, ajudante de Solignac, veiu da parte do marechal saber o que dava causa a tanto fogo—respondi-lhe que já estava de posse do pinhal, em que lhe tinha fallado, e que nem todas as forças do inimigo me fariam abandonal-o. E a causa da rainha e da liberdade foram salvas.—O *Times*, admirado dizia, que as fortificações como por encanto surgiam debaixo dos pés do general Saldanha. No dia 2 de março, desertou do inimigo um cabo do regimento 24. No dia 3, tive parte de que o cabo que se tinha apresentado havia tornado para o inimigo: vi logo que elle viera como espião, e que iria dizer que no reducto formado no pinhal, e que depois foi conhecido pelo nome do *Reducto de Saldanha*, ainda a artilheria não estava montada, o que daria causa a eu ser atacado na manhã seguinte.

Trabalhamos pois de modo que antes do amanhecer uma peça e um obuz estavam em bateria. Dei ordem para que no reducto se não dêsse um tiro senão á minha voz. Efectivamente assim que raiou o dia appareceu o regimento 24, e o batalhão de caçadores 8, que marchavam direitos ao Reducto, e quando se aproximaram rompeu o fogo de metralha e de fuzilaria a poucos passos, e o inimigo que não esperava ser recebido por tal fórma, fugiu na maior confusão com grande perda. A acção durou todo o dia: o inimigo chegou a entrar na povoação da Foz, d'onde foi lançado fóra á bayoueta, e assim 690 homens resistiram aos 10:000 com que Telles Jordão atacou n'aquelle dia.—E o cabo do regimento 24 foi fuzilado como traidor por ter informado que não havia artilheria no Reducto. O dia 4 de março ficará para sempre memoravel nas paginas da historia constitucional da nossa patria ainda que tenha desapparecido da memoria dos contemporaneos. Se não houvessemos occupado aquella posição; e á força dos mais arrojados actos de valor dos meus 600 soldados e não tivessemos resistido ao numero tão superior que nos atacou perdida estaria a causa da senhora D. Maria II, e com ella a causa da liberdade.

A chegada ao Porto, do duque de Palmella, de Mendizabel e de Napier que ia tomar o commando da esquadra, e o esforço de algumas centenas de soldados que os acompanharam deu causa a um grande conselho de guerra presidido pelo imperador, que propoz se discutisse o plano que deveriamos seguir.—Á direita do imperador estava o marechal Solignac, seguiam-se-lhe os ministros, o duque da Terceira e depois seguia-me eu e mais dezeseis outros chefes de armas e de corpos. O primeiro a fallar foi Solignac que propoz que atacassemos o inimigo ao sul do Douro, e que marchassemos sobre Lisboa; e foram do mesmo parecer os que se lhe seguiram antes de mim. Foi a minha opinião que se fizesse uma expedição para o Algarve e Setubal afim de occupar na costa o maior numero possivel de portos que viriam a ser outros tantos pontos de reunião para os constitucionaes que não podiam ir reunir-se ao Porto.

Ponderei a temeridade de tentar o ataque da posição do sul e de emprender uma marcha de cincoenta leguas em presença de um inimigo tão superior em forças, com uma tão numerosa cavallaria etc. O resultado foi que todos os que se me seguiram votaram comigo, e os que tinham votado antes com Solignac pediram para reformar o seu voto e seguirem a minha opinião. Solignac pondo-se em pé, disse ao Imperador — «Vossa Magestade vê que todos os chefes do exercito foram de opinião opposta á minha, em consequencia eu não posso continuar o serviço e dou a minha demissão, e retirar-me-hei para França. O imperador gostoso lhe acceitou a demissão, e Solignac immediatamente saiu da sala do conselho.

Ouvi n'aquelle tempo, mas não posso affirmal-o, que os duques de Palmella e Terceira pediram ao imperador que me nomeasse para substituir Solignac... Terceira foi encarregado do commando da expedição para o sul, e eu fui nomeado chefe do estado maior imperial, e a sorte da guerra mudou completamente.

As diligencias começadas ainda na regencia de S. A. a Serenissima Senhora D. Isabel Maria, pelo então intendente geral da policia Bastos para me fazer passar como republicano e arditosamente continuadas pelos que tão arbitrariamente dispozeram dos fundos que o imperador gastou com a emigração, tinham profundamente indisposto o imperador contra mim a ponto que o *Jornal do Governo* do dia 5 de março, dizendo que tinha havido mais um dia de gloria para as armas da rainha, não mencionou o nome do general que tinha commandado; a ponto que o imperador não enviou um recado de felicitação ao general que tinha alcançado tal victoria. Apenas porem o imperador esteve em contacto commigo a indisposição desapareceu e v. logo verá que era impossivel que um soberano, um chefe desse a um seu subordinado provas de maior consideração e de estima do que o duque de Bragança deu ao seu chefe do estado maior o general Saldanha.

O commando do exercito miguelista tinha recaido no conde de S. Lourenço que no dia 5 de junho assaltou o

Porto. Foi mais um dia de gloria para as armas da rainha. A minha boa estrella permittiu que eu sempre apparecesse em toda a parte no momento necessario.

O vencedor de Argel, o marechal Bourmont acompanhado por alguns dos melhores generaes do imperio, e por cem officiaes francezes veio tomar o commando do exercito de D. Miguel. Chegou Bourmont ao Porto com grande vantagem porque Solignac, por acto que não qualificaremos, no seu regresso a Paris, para justificar a sua retirada publicou um folheto apresentando o miseravel estado em que nos achavamos, revelando a força que tinhamos, descrevendo as nossas fortificações, e mencionando os pontos mais fracos da linha.

A saída, de França, do marechal Bourmont, tenente general Drouet, La Roche Jaquelin e de tantos outros generaes e officiaes da confiança do marechal causou grande impressão na Europa.—O governo inglez augmentou a sua estação naval no Douro, o governo francez mandou para alli alguns brigues, e o alarma foi geral, e a impressão terrivel.

Quando, segundo o costume, na manhã do dia 10 de julho, entrei no quarto do imperador depois da descoberta e disse a Sua Magestade que não havia nada de novo, repetiu o imperador admirado; — «Pois o conde não sabe que hontem tomou Bourmont o commando do exercito do mano Miguel?!» Perguntei a Sua Magestade quantos mil homens elle tinha trazido comsigo. — «Não trouxe soldados, mas cem officiaes.—Você e o Pimentel (então qualtel-mestre general, e hoje conde de Campanhã) são os unicos fanfarrões que não fazem caso da chegada dos officiaes francezes» O Pimentel, que já estava com o imperador quando eu entrei, disse: «Meu senhor, eu já tive a honra de dizer a Vossa Magestade que tinha servido muitos annos no grande exercito de Napoleão, e que Vossa Magestade podia estar descançado que nenhum dos marechaes de França podia vir dar lições ao seu chefe do estado maior.»

A impressão causada na cidade foi extrema. Os residentes inglezes, que com o maior sangue frio tinham suppor-

tado corajosos um tão longo bombardeamento da cidade, esmoreceram com a chegada do vencedor de Argel, e todos se recolheram a bordo das embarcações de guerra.

Grande e geral foi a desanimação; mas não nos velhos soldados, que vendo-me alegre e risonho não esqueciam quantas vezes tínhamos juntos seguido o caminho da victoria.

Raiou o dia 25 de julho, anniversario da batalha de Ourique; dia que Bourmont tinha escolhido para abrilhantar as glórias por elle alcançadas nas campanhas de 1813 e 1814, e na conquista de Argel. O ponto escolhido para o principal ataque foi a quinta do Wanzeller—o ponto mais fraco da linha.—Ao romper o dia, já eu alli me achava.—O inimigo, repellido tres vezes, preparava-se para novo ataque, quando deixando alli o meu ajudante d'ordens, Sóla, depois barão de Francos, encarregado de repellir o ataque, que pouco vigor podia ter, corri com o meu estado-maior á bateria onde estava o imperador, de quem ouvi milhares de agradaveis expressões, e disse-lhe:—«Se Vossa Magestade me permite, eu corro a ver o que vae na extrema-direita, porque Bourmont é general, e eu no seu lugar, quando visse o ataque bem empenhado no centro, por certo atacaria a nossa extrema-direita com alguns batalhões. Com a annuencia do imperador, parti a todo o correr, e no momento em que, tendo-me apeado em Guellas de Pau, onde commandava o Xavier, (depois conde das Antas) cheguei á varanda, vi o batalhão francez fugindo diante de uma formidavel linha de atiradores, sustentada por tres batalhões em columna. Corri alli, e vendo que não podia reunir os francezes que me diziam:—«Envoyez vos portugais.» Formei os dezenove officiaes de estado maior que me acompanhavam á direita de uma força de quarenta e dois lanceiros, que alli estava commandada pelo capitão Bloomfield, e á frente d'aquelles sessenta e dois bravos carreguei o inimigo. Tive a fortuna de romper o primeiro batalhão, que fugindo, envolveu os outros, e os piquetes se restabeleceram: mas dos vinte officiaes, contando comigo, só eu e o official ás minhas ordens, o bravo Ximenes, hoje visconde do Pi-

nheiro, deixámos de ser ou mortos ou feridos. Alli perdeu a vida D. Fernando de Almeida, que havia dezeseite annos tinha sido meu ajudante e companheiro fiel. O general de cavallaria Badoock diz na sua obra sobre o sitio do Porto: —que nunca houve carga de cavallaria tão brilhante, e com tão grande resultado. Sem ella o inimigo teria entrado na cidade.

Entretanto, e, por assim dizer, ao mesmo tempo, o bravo Napier tomava a esquadra de D. Miguel, e o duque da Terceira, guiado pela sua brilhante estrella, que tantas vezes o conduziu á gloria, prestando tão relevantes serviços á rainha, tendo desembarcado no Algarve, entrava em Lisboa, que o duque de Cadaval lhe abandonava!

O imperador deixando-me no Porto, foi para Lisboa. — No dia 19 de agosto chegou o ajudante do imperador, Calça e Pina, que morreu conde de Rilvas, com uma carta de Sua Magestade, em que nos termos mais delicados mostrava a conveniencia de fazer levantar o cerco do Porto. — Na vespera estavam já cumpridos os desejos do imperador. — A's dez horas da noite de 17, chamei ao meu quartel os differentes commandantes, mandando que os corpos estivessem formados á meia noite; dei as ordens que me pareceram convenientes para antecipar todos os movimentos que o conde de Almer podia fazer. Contei que apesar de lhe envolver a direita elle poderia por conseguinte formar uma linha perpendicular, tendo á sua esquerda no grande forte a que o inimigo dava o nome de Forte do Rei, e deixei a columna commandada por Xavier, para sair e atacar de flanco quando eu atacasse de frente. — Previ ainda que Almer, a quem eu conceituava como muito bom general, poderia formar-se, outra vez, apresentando o flanco esquerdo ás nossas fortificações, e deixei a columna do general Zagallo para sair e atacar de flanco quando eu atacasse de frente. O general inimigo executou tudo que eu tinha antecipado; e ainda que tres vezes batido, tornou a formar a sua linha nas alturas de Vallongo, a duas leguas do Porto.

Entre as linhas de vedetas dos dois exercitos andava eu examinando a posição do inimigo, quando o meu ajudante

Ximenes, hoje visconde do Pinheiro, me foi dizer que os commandantes das columnas me queriam fallar. Depois de acabar o reconhecimento fui vel-os, e o coronel Pacheco, tomando a palavra em nome de todos, depois de cumprimentar-me pelo bello feito d'armas d'aquelle dia, continuou — «mas a posição agora occupada pelo inimigo é uma das mais fortes do reino, e todos somos de opinião que seria para lastimar se enodoasse a gloria d'este dia, sendo o ataque repellido pelo inimigo.» Assumindo aquelle ar severo que todos os que tem servido no meu estado-maior conhecem, e que é indispensavel, disse-lhes: — «Não saí do Porto para deixar o inimigo á vista da cidade. Quando eu quizer conselhos os pedirei; meia volta á direita, ás suas columnas, marche.» — Meia hora depois, foi a posição levada, só com a perda do commandante do regimento dezoito tenente-coronel Eça que foi morto. O inimigo foi perseguido até Baltar. a quatro leguas do Porto.

No dia 19 todas as ruas do Porto apresentavam um mercado abundantissimo, e é absolutamente impossivel descrever a alegria dos habitantes, que por tantos mezes tinham vivido na privação e debaixo de uma constante chuva de ballas e de bombas,

Nos dias que se seguiram ao levantamento do cerco, immenso foi o numero dos apresentados, tanto de infantaria como de cavallaria.

Sabendo eu que Bourmont, a marchas forçadas, corria sobre Lisboa, entreguei o commando ao respeitavel general Stubbs e embarquei para Lisboa com o regimento de lanceiros e quatro corpos de infantaria e caçadores. Quando cheguei ao palacio das Necessidades, o imperador e os ministros foram receber-me á escada, e Sua Magestade, abraçando-me, disse: — «No momento em que recebia a parte que v. estava a entrar a barra, tinhamos eu e os ministros resolvido mandal-o chamar. Bourmont vem a marchas forçadas sobre Lisboa.» — A actividade desenvolvida desde que eu cheguei não terá esquecido aos habitantes d'esta cidade. Bourmont não tardou em apparecer, e no dia 5 de setembro atacou as nossas linhas.

De ambas as partes se fizeram prodigios de valor. A ultima carga de bayoneta que dirigi e com a qual desalojei as forças inimigas que se tinham apoderado da altura na frente da quinta do Seabra, teve logar depois das dez da noite.—O inimigo de toda a parte foi repellido.—No dia 14 do mesmo mez seguiu-se novo ataque na nossa extrema direita, o qual teve a mesma sorte. Bourmont entregou o commando. O general Macdonald, muito meu conhecido succedeu a Bourmont.

Suas Magestades a rainha e a imperatriz chegaram ao Tejo. O imperador ordenou que ninguem o acompanhasse a bordo. Dispoz tudo para a recepção da rainha no dia seguinte pelas 10 horas. No cás do Terreiro do Paço o corpo do estado-maior á direita, á testa do qual estavamos o duque da Terceira e eu fazendo frente á parte onde Suas Magestades deviam desembarcar: na frente o conde de Porto Santo com a camara municipal e habitantes; a côrte na esquerda formava com o lado do desembarque um quadrado perfeito.

Logo que a galeota atracou, saltou em terra o imperador, e dando a mão á rainha, no momento em que Sua Magestade punha pela primeira vez o pé em terra portugueza, chamando-me, disse em alta voz:—«Maria, não lhe apresento o tenente-general conde de Saldanha, que v. conhece, mas o marechal Saldanha, a quem v. deve estar hoje aqui.»

Não querendo que o imperador, no dia dos seus annos, 12 de outubro, estivesse em uma cidade cercada pelo inimigo, com seiscentos cavallos e oito mil e quatrocentos infantas, metade dos quaes eram artistas de Lisboa, pelas dez horas da manhã do dia 10 ataquei as fortissimas posições do inimigo, que na antevespera tinha tido em parada vinte e duas mil bayonetas e tres mil e cem cavallos!

A surpresa foi completa, até o cão de D. Miguel ficou em meu poder, e esta acção teria sido o mais bello feito dos tempos modernos, se a força que occupava Peniche, e que pelo meu ajudante Sóla, depois barão de Francos, tinha no dia 9 recebido ordem de sair immediatamente d'aquella praça e vir no dia 10 atacar a rectaguarda do inimigo, o

tivesse realisado; mas aquella força, chegada a Cabeça de Mont'achique, persuadiu-se de que o ataque tinha sido mal succedido, e regressou para Peniche.

No dia 11, na batalha de Loures, tendo-me apeado em uma collina d'onde via toda a linha inimiga e a minha, chegou Sua Magestade Imperial seguido pelo seu fiel companheiro, o actual visconde d'Almeida. Em poucos instantes, depois da chegada do duque de Bragança, foi morto o criado de um dos meus ajudantes e feridos trez outros individuos e alguns cavalloos. O visconde de Almeida disse ao imperador:— «Senhor, pelo amor de Deus e de sua filha saia d'aqui.» E o imperador, corajoso soldado, brincando, pondo-se atraz de mim e pegando-me nos braços disse, rindo ao visconde:— «Ponho me atraz do João Carlos e fico a coberto»; mas no mesmo instante, empurrando-me de si, exclamou:— «Pobre Maria, se uma balla nos levava a ambos!» —Fazia aquelle heroe de mim o sublime conceito de que, ainda que elle faltasse, a sorte de sua filha, do throno, da liberdade, da dynastia seria salva se eu vivesse.

Poucas linhas serão necessarias para responder á outra pergunta de v. Por que não fui á inauguração no Porto no dia 19?

Sabe v. que tenho a honra de ser o mordomo-mór de Sua Magestade o senhor D. Luiz, e não me havendo el-rei perguntado se eu ia ao Porto, e tendo no dia dos annos de Sua Magestade a rainha vindo el-rei, onde eu estava e o marquez de Sá, ouvi, assim como todos que alli estavamos, dizer-lhe o sr. D Luiz na alta voz com que é necessario falar ao marquez:— «Vamos para o Porto ámanhã pela uma da noite, não nos faça esperar.» — Já vê v. que a minha delicadesa para com meu augusto amo me não permittia annuir, como desejava, ao convite da camara municipal.

Por mais de um motivo sinceramente lhe agradeço a sua carta, sendo o maior o recordar-me de factos que tornam bem evidente a protecção divina, pela qual tenho em vinte e dois annos de guerra escapado a tantos perigos; pela qual mais feliz do que o general Dessaix no fim da batalha de Marengo, posso dizer:— «J'ai assez fait pour la postérité»

—posso esquecer-me das glorias d'este mundo, e lembrar-me que em menos de um mez completarei setenta e seis annos, sessenta e dois dos quaes no serviço da patria e do rei.

De. v.
amigo sincero e obrigado

Cintra, 22 de outubro de 1866.

Saldanha.

OBSERVAÇÕES

Ahi deixamos transcripta a carta que o nobre duque de Saldanha dirigiu ao sr. Latínio Coelho. Sabemos perfeitamente que não póde ser considerada como novidade depois de transcripta em quasi todos os jornaes da capital e das provincias, mas quizemos archival-a como documento preciosissimo para a historia contemporanea, e porque nos julgamos tambem com direito de apresentar as nossas observações sobre o assumpto.

A cidade invicta levantou um monumento para perpetuar a memoria do sr. D. Pedro IV, duque de Bragança; e a camara municipal convidou para esta solemnidade os antigos generaes do imperador. Não lhe esqueceu nem podia esquecer o antigo chefe de estado maior do libertador, o sr. duque de Saldanha, porque sendo s. ex.^a o mais illustre general d'este paiz, o typo das nossas glorias militares, o salvador do Porto no momento mais critico para a causa da rainha e da liberdade, não devia faltar a essa festa nacional em que se levantava ao immortal duque de Bragança um monumento de eterna saudade.

O marechal duque de Saldanha não appareceu todavia no Porto ao acto solemne da inauguração da estatua. Sabia-se que fôra convidado pela camara municipal d'aquella invicta cidade, mas não se apontava um unico motivo que justificasse devidamente ausencia tão reparavel. A imprensa fazia largos commentarios, nos cafés e nas praças não se fallava de outra cousa, e todos desejavam uma explicação clara e positiva sobre o facto.

Foi então que um distincto e querido escriptor, o sr. José Maria Latino Coelho se dirigiu ao nobre marechal, na qualidade de seu antigo amigo, provocando-o a explicações positivas e claras sobre um ponto que chamára tanto a attenção da imprensa e do publico em geral.

Em resposta escreveu o sr. duque de Saldanha a carta que deixamos publicada, carta que pela singeleza e verdade da narrativa attraiu a attenção de todos, mas cada um commentando-a a seu modo como era de esperar.

Houve quem visse por aquella carta um proposito de desconsideração da parte do imperante para com o nobre duque de Saldanha; mas não é assim, nem o podia ser.

O rei esclarecido que occupa dignamente o throno de sua virtuosissima mãe a fallecida e sempre chorada senhora D. Maria II não podia querer desconsiderar aquelle a quem a mesma augusta senhora deveu em grande parte o throno e a patria a liberdade. Factos posteriores que logo mencionaremos vem em abono do nosso juizo.

El-Rei dirigiu-se ao sr. marquez de Sá na presença do sr. duque de Saldanha, indicando-lhe a hora da partida para o Porto, e como por essa occasião não dissesse cousa alguma ao nobre duque, este entendeu e muito bem que não devia comparecer, apesar do convite da camara; e a razão é obvia. Se o sr. duque de Saldanha fosse ao Porto, qual era o logar que devia occupar? Não podia ser outro que junto ao augusto soberano de quem é mordomo-mór, tendo demais a mais as honras de parente. Ora não lhe tendo o monarcha dito uma só palavra sobre a sua ida ao Porto é claro que o melindre pessoal exigia que o nobre duque não fosse como não foi.

Haveria porém neste facto o proposito de desconsideração para com o sr. duque de Saldanha? Não o acreditamos, e factos posteriores dizem o contrario.

A carta do nobre marechal foi publicada no *Jornal do Commercio* de 26 de outubro ultimo, e logo no dia 29 por convite de S. M. o sr. D. Fernando foi o marechal duque de Saldanha convidado a jantar com o mesmo augusto senhor, por occasião do seu fausto anniversario.

A carta foi publicada no dia 26, e quando no dia 30 o nobre marechal foi ao paço da Ajuda para o despacho da mordomia foi objecto das maiores attenções e finezas por parte de S. M. El-Rei o sr. D. Luiz.

A carta foi publicada no dia 26, e no dia 4 do corrente no grande jantar que houve no Paço via-se o nobre marechal ao lado do augusto soberano que está á frente dos destinos da nação portugueza!

Se o marechal tem sido desconsiderado no ultimo quartel da vida, a desconsideração nunca partiu de tão alto, mas de muitos que lhe devem honras e fortuna, e que se não recordam já das ovações entusiasticas com que em outro tempo o recebiam em toda a parte.

O nobre duque de Saldanha está hoje affastado do poder que não deseja, tem direito a descansar e não quer, lá vae cumprir uma missão honrosa junto ao pae commum dos fieis, a S. S. o Papa Pio IX. Embaixador em Roma, vê que se aproxima um momento de crise para a Cadeira de S. Pedro pela retirada das tropas francezas da capital do mundo catholico, e lá corre o marechal septuagenario a representar honrosa e brilhantemente o fidelissimo reino de Portugal, satisfazendo tambem aos impulsos do seu coração cheio dos mais piedosos sentimentos.

Vae aonde o chama a honra, o dever e a piedade filial, mas, confiamos na Providencia Divina, que voltará breve a este paiz para o enriquecer ainda com as memorias de uma vida tão longa como gloriosa sempre em serviço da patria e da liberdade. Vae, mas os seus pobres não ficam desamparados, nem as creancinhas que a expensas suas educa em collegios acreditados, nem aquelles a quem com mão

larga e generosa proporciona meios de subsistencia, não sendo poucas as familias a quem paga por inteiro a renda das habitações.

O nobre duquo de Saldanha é o que menos gosa dos ordenados e gratificações a que tem direito. Os proventos que percebe, vão animar a industria do paiz, matar a fome ao desgraçado e enchugar as lagrimas do afflicto, e ainda mesmo ausente de Portugal o seu bondoso coração não permite que os seus protegidos padeçam.

E' um bello coração o do duque de Saldanha, são cegos os que não sabem apreciar a sua grandesa de alma e a nobresa de seus honrados sentimentos, mas a posteridade lhe fará a justiça que os homens de bem de todos os paizes não tem recusado nem podiam recusar á sua elevada intelligencia e valiosissimos serviços.

Novembro 7 de 1866.

M. J. Cabral.

ESBOÇO BIOGRÁFICO

JOÃO FERNANDES VIEIRA

O CASTRIOTO LUSITANO

João Fernandes Vieira foi...
O instrumento da patria liberdade
.....
E como a pedra a estatua de Nabuco
O belga derrubou de Pernambuco.
(*Caramuro*. Canto 9.º)

O mal aparado da nossa penna, e obscurantismo do nosso nome, não deixarão dar a este esboço o realce que poderia ter. N'elle não encontrará o leitor, pois, bellezas de linguagem, de estylo, nem fluencia de phrase; mas em compensação terá a verdade, e a boa vontade em apresentar aos leitores do *Paquete do Tejo*, e em especial aos filhos da ilha da Madeira, duas linhas ácerca d'um dos mais valentes generaes do seculo XVII, d'um dos mais vivos modelos de energia e de valor civico que a historia admira; porquanto foi aquella ilha que lhe serviu de berço. O heroe de que vou tratar o esboço biographico era João Fernandes Vieira, que nasceu em 1613, destinado pela providencia ás mais nobres e arriscadas emprezas. Era o emulo do terrivel batalhador do Epiro, era o restaurador de Pernambuco, que teve por patria a ilha da Madeira.

«A força das circumstancias e o valor portuguez—diz um biographo—tinham feito sacudir o jugo de Castella, e elevado ao throno D. João IV; o fogo electrico que animava a metropole se communicou por influencia e por contacto a

todos os corações portuguezes; os brados do Tejo e do Douro resoaram do Amazonas ao rio da Prata, e João Fernandes Vieira os fez repercutir com gloria em Pernambuco.»

Fernandes Vieira estava abastadamente estabelecido n'aquella provincia brasileira; quando em 1644 rebentou a conspiração de Pernambuco, desde o começo da absorpção hespanhola, etc., chamado chefe dos restauradores saiu a campo com seus escravos, creados e mais homens de sua casa. Os holandezes receiosos dos perigos que os ameaçavam, tentaram compral-o por *duzentos mil cruzados*. O valoroso caudilho respondeu lhes:

—«Não vendo a honra de castigar tyrannos por tão baixo preço.

Resposta heroica, e que oxalá tivéra em idênticas occasiões tido imitadores, accrescenta um seu biographo.

O supremo conselho dos holandezes publicou um edital promettendo quatro mil florins pela cabeça do valente chefe dos pernambucanos. João Fernandes Vieira em uma carta que escreveu ao conselho arguiu-o do aviltamento a que tinha chegado, e lhe declarou *que se não cansasse em o procurar haver á mão por meios infames, porque elle estava com tenção de o visitar honrosamente e de cara descoberta*.

A firmesa, a assiduidade, a perseverança, o talento e o animo de Vieira fizeram com que, tempos depois de terem principiado as hostilidades, os holandezes tivessem perdido nove fortalezas com outros reductos e cazas fortes, e em uns e outros perto de oitenta peças d'artilheria de diversos calibres.

No fim de cinco annos de guerra viva achavam-se livres do jugo hollandez cento e oitenta leguas de territorio.

O grande valor de Fernandes Vieira, por tantas vezes provado, alcançou nas montanhas de *Guaracasses* mais um grande triumpho. Rompendo o inimigo com risco da propria vida ganhou-lhe parte da artilheria, e fez render um esquadrão. Tempos depois, ajudado pela esquadra portugueza, que se destinava a comboiar os navios de commercio, conquistou as fortalezas de Rejo e d'Altenar.

As forças portuguezas, que tinham sido enviadas da metropole juntamente com as pernambucanas, commandadas por João Fernandes Vieira, concentraram-se todas no cerco da fortaleza das *Cinco-Pontas*, que foi tomada. O povo clamou então por capitulação. O conselho accedeu aos seus votos, e a 26 de janeiro o porto de Arrecife e a cidade de Olinda foram entregues ao general portuguez Francisco Barreto de Menezes.

Concluida a lucta, Vieira veio ao reino e recebeu de el-rei D. João IV a nomeação de governador e capitão general da provincia de Angola, cargo que exerceu até ao anno de 1661.

Tendo regressado ao reino foi sempre estimado e venerado pelo seu character e serviços, e exerceu varios cargos importantissimos. El-rei D. Pedro II denominou-o *Heroe da sua idade*; o papa Innocencio X honrou-o com o titulo de *Restaurador da igreja americana*.

Vieira, segundo se conhece da noticia de sua vida, escripta por fr. Raphael de Jesus, morreu sexagenario.

A memoria deste heroe, que com trinta e sete soldados soube inutilisar, durante seis dias, no forte de S. Jorge, os esforços d'um exercito de quatro mil homens, deve ter o culto da veneração de todos que prezão o valor e a intrepidez militar. Para todos os madeirenses, não póde ella deixar de ser duplicadamente cara, porquanto foi a ilha da Madeira, repito, onde nasceu João Fernandes Vieira, chamado por antonomásia pelo chronista dos seus grandiosos feitos, *Castriõto Lusitano*, isto por comparação ao Castriõto que militou no Epiro contra os turcos.

Torres Vedras.

F. A. de Mattos.

AÇORES

O vapor *Leal* teve agora uma viagem demorada das ilhas para Lisboa. Sahiu de Ponta Delgada no 1.º do corrente, dia em que já era esperado no Tejo, e os passageiros só desembarcaram no dia 7 pelas 8 horas da manhã. Vieram n'este barco o digno par do reino barão das Laranjeiras e o meritissimo director da alfandega de Ponta Delgada o sr. Guilherme Read Cabral. Aquelle consta-nos que está hospedado no hotel Alliança e este dirigiu-se logo no dia seguinte para Thomar a dar um abraço em sua virtuosa irmã, a nobre condessa de Thomar.

O sr. barão vem acompanhar seu filho e immediato successor, infelizmente accomettido de alienação mental, e o sr. Read Cabral vem gosar dois mezes de licença que o governo de S. M. concedeu a este zeloso, activo, intelligente e honrado funcionario.

A imprensa de Ponta Delgada tracta de uma questão muito seria para os interesses commerciaes da ilha de S. Miguel e que deve ser tomada na maior consideração pelos poderes publicos, e principalmente pelo conselho de saude

a quem especialmente compete. Trata-se das quarentenas a que são obrigados os navios que chegam áquella ilha com proveniencia dos portos da Grã Bretanha tragam ou não a carta de saude limpa.

Eis o que a similhante respeito diz a *Persuasão*:

«Vae começar a epocha de maior tráfego commercial de S. Miguel com o embarque da laranja.

«Cêrca de 400 navios, quasi todos inglezes, são empregados desde o mez de novembro até ao de abril na exportação d'aquella fructa, principal genero de industria michaelense, e fonte mais abundante da riqueza e prosperidade d'esta ilha.

«O valor d'este commercio pôde, sem exaggeração, estabelecer-se nos algarismos seguintes:

230:000 caixas, rateiadas para o productor	
a réis 2\$400.....	552:000\$000
despezas de caixaria, frete e outras até liquidação final, a 10 schelings por caixa (cambio de 280 réis o shiling).....	644:000\$090
	<hr/>
Reis.....	1.196:000\$000

«A industria que tamanha somma envolve, permite que se possa ajuisar sobre a quantidade de braços a que proporciona emprego, o numero de familias que d'ella tiram a subsistencia, a quantidade de abastados para quem ella é a principal riqueza, e o subsidio que garante ao estado.

«Prejudicar esta industria é annullar as principaes forças productivas de um districto, atterrar com a penuria alguns milhares de casaes onde o trabalho é remedio, e reduzir á mais precaria situação um grande numero de pessoas que na producção da laranja têm a sua total riqueza.

«De v. ex.^a, sr. ministro do reino, depende o não manifestar-se uma crise perniciosissima para esta terra, esclarecendo o conselho de saude publica sobre tantos interesses affectados gravemente com o rigor quarentenario, desnecessario, que manda observar com as embarcações proce-

d ntes de portos inglezes considerados infeccionados ou suspeitos de cholera.

«Deve elle ampliar as attribuições de seus delegados n'estas ilhas, por forma que se não vejam forçados a enviar para o lazareto de Lisboa navios aqui chegados trazendo limpa a carta de saude, ou certificados dos consules portuguezes nos portos de onde procedem, declarando que o flagello, que todos temos empenho em evitar, não existe nos mesmos portos, dando-se practica aos navios, embora os sujeitem nos ancoradouros a rasoaveis precauções sanitarias.

«Ha poucos dias aqui chegaram dous navios pelos quaes se receberam varias cartas conforme todas com o paragraho d'uma que transcrevemos, e é como se segue:

«Não tendo, felizmente, havido um unico caso de cholera no condado de Cornwallis, gosam os arredores de Falmouth de um excellente estado sanitario. Por isto me resolvi a enviar os navios directamente, e muitos dos meus amigos de Londres foram da mesma opinião, convencendo-me de que as auctoridades de S. Miguel não lhes darão mais do que um ou dois dias de quarentena, se isto mesmo julgarem necessario, porque estes navios levam carta limpa.»

«Não obstante o que fica transcripto, os navios referidos navegaram para Lisboa, porque o conselho de saude determinou ao seu representante n'esta ilha que o embarque se fizesse observando-se a quarentena sobre véla, o que é impossivel por muitos motivos, sendo um dos mais attendiveis o não se poder prescindir da communicação da gente de terra com a de bordo, nem de estarem nos mesmos navios um bom numero de estivadores para dirigirem convenientemente as arrumações das cargas; além d'isto, na sobre dita determinação do conselho ha outras disposições de que o sr. guarda-mór de saude n'este porto, segundo consta, não quiz tomar a responsabilidade da execução.

«A permanecerem estas ordens, sr. ministro, hade succeder ver-se ahi inutilisar a preciosa fructa, verdadeiros pomos dourados d'esta terra, porque os navios fretados, fazendo a viagem de Lisboa, não poderão a tempo apresentar-se para os carregamentos, e as despezas de fretamento

não só não diminuem com a falta d'elles, mas accrescem muitissimo por que já os fretes terão de ser tratados por muito elevadas quantias, attendendo á differença de navegação; e tudo terá de sobrecarregar um genero, que pela concorrência que está soffrendo nos mercados estrangeiros, tanto carece de protecção nacional.

«Uma prudente determinação póde, n'estas circumstancias, obviar a males immensos, e v. ex.^a, sr. ministro do reino, contribuindo para que ella baixe de uma repartição que lhe é dependente, fará á ilha de S. Miguel o maior de todos os serviços.

«Reclamam-na todas as conveniencias publicas, e como orgão d'ellas o corpo commercial d'esta praça fez agora respeitosas supplicas, confiado em que a sua voz, sempre autorisada, mais uma vez será bem recebida pelos altos funcionarios da nação.

«Da provada cordura e alta intelligencia de v. ex.^a esperam os michaelenses, que não se dedignará de zelar-lhes a sua causa, influindo dentro das elevadas attribuições de v. ex.^a, para que lhes sejam conciliados com as prevenções sanitarias os importantes interesses que tem arriscados.»

Uma empreza particular ingleza estabeleceu uma nova linha de vapores entre Londres e os Açores. O primeiro vapor que se espera até 8 do corrente era o *Fairwater*, de 1.^a classe, de 299 toneladas, e da força de 100 cavallos. Todos os 15 dias sairá de Londres um vapor com destino a esta nova carreira *não subsidiada*, e da qual o commercio das nossas ilhas póde tirar vantagens immensas.

—Da *Persuasão* transcrevemos mais as seguintes noticias:

—A 11 do passado abrio-se o theatro com uma recita extraordinaria constando do drama do sr. Camillo C. Branco—*Espinhos e Flores*, e da comedia—*Intrigas no bairro*, do sr. Luiz d'Araujo. A 16 e 21 representou-se a comedia drama do sr. Biester—*Fortuna e trabalho*, continuando as recitas ás quintas feiras e domingos. Os michaelenses estão satisfeitos com a nova companhia dramatica, em que ha merecimentos artisticos tanto em actores como em actrizes.

—A pintura do tecto do theatro estava prompta no dia de abertura. Já demos noticia do pensamento que ella representa, e hoje só accrescentamos que ficou esmeradamente acabada como era de esperar do pincel vantajosamente conhecido do sr. Candido José Xavier. Doze figuras em busto que se vêem no quadro tem os seguintes nomes: Gil Vicente, dr. Antonio Ferreira, Luiz de Camões, visconde de Almeida, Garrett, Antonio Feliciano de Castilho, Alexandre Herculano, José da Silva Mendes Leal, João Baptista Gomes, Antonio Cezar de Lacerda, Joaquim Casimiro, Francisco Norberto dos Santos Pinto, e João Evangelista da Costa.

—Reappareceram os jornaes—*Ecco Social*, e *Commercio dos Açores*, que ha mezes deixaram de publicar-se.

—Do *Boletim* das obras da doca, relativo ao mez de setembro tiramos os seguintes dados: receita realisada réis 2:307\$631; capital recebido por conta de emprestimos réis 13:000\$000; despesa realisada com a construcção, direcção e administração das obras 9:577\$261 réis; lanços construidos da plata fórma 2; pedra lançada no quebra mar 21:930 toneladas.

—A receita publica n'este districto no ultimo anno economico foi de 428:149\$297 réis, a despesa de 304:026\$297 réis, e o saldo a favor do thesouro de 124:123\$000 réis. Teria este excedido a 170:000\$000 réis senão crescesse este anno mais de 23:000\$000 réis do que era costume a verba dispendida pelo ministerio da guerra, se não se includesse na despesa districtal 9:738\$711 réis empregados por ordem do ministerio da marinha em 400 moios de milho que se expediram para Cabo Verde, e se não se includesse ali tambem 10 por cento do rendimento da alfandega applicados a obras da doca que poderão montar a 15:000\$000 réis. Ha quatro annos ainda que o districto não chegava a dar o saldo de 100 contos. Nos ultimos 4 annos foram aqui as receitas publicas na somma de 1:557:169\$580 réis, e as despesas de 1:038:905\$583 réis, incluindose ainda n'esta ultima quantia importantes verbas que não tiveram applicação a favor do districto. Quem assim offerece vanta-

gens ao estado, já merecia d'elle mais alguma contemplação.

—A camara municipal d'esta cidade convidou o sr. engenheiro director das obras publicas para proceder a estudos sobre a quantidade d'agua fornecida pelas nascentes que abastecem Ponta Delgada, ao que aquelle funcionario accedeu do melhor grado; e colligio dos seus trabalhos o sr. dr. Ferraz, que com alguns melhoramentos nos aqueductos se pode esperar das referidas nascentes quantidade de agua sufficiente para prover a 25:000 pessoas, gastando diariamente cada uma 35 litros.

—No impedimento do sr. governador civil, que esteve no goso de 60 dias de licença, procedeu á visita do districto o sr. secretario geral dr. Vicente Machado de Faria e Maia.

—Vão começando a chegar navios para exportação de laranja.

—Os tres hospitaes de S. Miguel, no ultimo anno economico, tiveram em suas enfermarias 4:760 doentes, dos quaes falleceram 171.

--As camaras municipaes do districto no anno de 1864-1865 realisaram a receita de 55:248\$761 réis, e a despeza de 50:354\$230 réis. As mesmas camaras para o anno de 1866-1867 orçaram a receita em 51:644\$601 réis.

—Tem feito semanalmente demorados exercicios de manobra e de fogo o batalhão de caçadores 11, aqui estacionado, á voz do seu commandante o sr. coronel Luiz Antonio Osorio. Esta semana principiam os mesmos exercicios em campo mais amplo, distante da cidade—no Ramalho.

Este batalhão segundo a opinião de pessoas competentes, faz honra ao exercito, pela sna instrucção, pela sua disciplina e pelo seu aceio.

A musica do mesmo batalhão, de que é mestre o senhor Martinho Gaspar de Campos, melhora de dia para dia grandemente, agradando muito não só pelo excellente e variadissimo repertorio de suas peças musicaes, mas tambem pela esmerada execução das mesmas.

Ultimamente vieram-lhe instrumentos de pancadaria de systema moderno, e alguns outros de metal.

ILHA TERCEIRA

Causaram em Angra impressão desagradavel as demissões dadas ao sr. Lucas José de Chaves, delegado do thesouro, que ha mais de 43 annos alli residia como empregado publico, e ao escrivão de fazenda sr. Marianno Ernesto da Silva, com mais de 36 annos de serviço. O sr. Antonio Raphael de Sousa, já tinha sido demittido por se achar alcançado com a fazenda publica, e a pressa da substituição d'este logar fez que ella recaisse n'um dos membros mais importantes do corrilho que está dirigindo os negocios terceirenses. Nos outros logares vagos não tardarão collocados individuos *distinctos* por serviços á causa que traz em accesas inimidades a familia terceirense. Triste e violento estado é o d'aquella ilha, desde que o sr. Fontes de Mello esqueceu no governo as idéas de tolerancia em virtude das quaes ascendeu áquella posição e se dispoz a galardoar quantos serviços eleitoraes lhe fizeram n'outras epochas!

—A chegada do juiz de direito para aquella comarca, o sr. dr. Augusto de Abreu Castello Branco, foi bem recebida pelos povos, com quanto possa contrariar o grupo politico que está dando a lei em Angra, e a quem só poderia convir a vara de justiça na mão de um membro de familia.

—O *Angrense*, de 27 de outubro, faz apreciaveis considerações em que se une á imprensa de Ponta Delgada e da Horta, pugnando pela conservação da relação dos Açores.

—A sr.^a duquesa de Bragança offereceu 50\$000 réis para ajuda das necessidades do asylo de mendicidade da Praia da Victoria. Este estabelecimento humanitario, ao que parece, tem ultimamente merecido desaffeição á auctoridade superior do districto, por haver sido creado, pelo ex.^{mo} sr. visconde de Bruges, quando governador civil do districto! A este respeito, diz uma local do d. *Angrense*. «Este pio estabelecimento, apesar da guerra pertinaz que tem soffrido das auctoridades administrativas d'este districto, tem continuamente sustentado, e sustenta ainda 24 pobres dos dois sexos, e ainda ultimamente acaba de acolher um dos bra-

vos do Mindello, que, tendo gasto as suas forças em serviço da patria, alli foi encontrar abrigo e sustento para o resto da sua vida.»—Que *nobre* politica a que prepondera em Angra guerreando institutos d'esta ordem, só porque se acham vinculados a elles nomes de cavalheiros estimaveis, mas que seguem outros principios.

—O vapor com bandeira ingleza, *Cyclone*, um dos que a *Revolução de Setembro* noticiou que fôra construido para perseguir o commercio hespanhol nas costas da Plata e ilha de Cuba, esteve em Angra em setembro onde tomou carvão e refrescos, deixando em terra o official que até áquelle porto lhe servira de capitão.

—A eschola, fundada pela sociedade promotora das letras e artes em Angra, teve uma frequencia de 140 alumnos no ultimo anno lectivo. Deve-se esta associação á iniciativa do sr. visconde de Bruges, quando governador civil, pelo que tambem agora não está no agrado do poder local. E o sr. ministro do reino a recommendar tanto aos seus delegados que promovam a fundação de taes estabelecimentos, e desenvolvam os já existentes!

—As obras publicas vão-se activar no districto com os novos fundos que o governo para isso proporcionou.

—Já começaram os arrolamentos de todos os bens sujeitos á desamortisação.

—Tem feito exercicios de fogo o batalhão de saçadores 10.

—Tem havido repetidas festas tauromachicas na Terceira,

—Abriu se a 11 de outubro o seminario angrense, recitando a oração apropriada o sr. conego dr. Machado.

—Foi nomeado consul da Russia em Angra o sr. José Borges Leal Corte Real.

—Tem agradado em Angra os trabalhos de prestidigitação do artista Sezinando.

—Foram selladas as portas do estabelecimento mercantil do hebreu o sr. José Ben Jacob Dehan, a requerimento de varios de seus credores.

—A 27 d'outubro partiu para o Rio de Janeiro o pata-

cho *Flor d'Angra*, levando passageiros. O numero d'estes obrigava o navio a levar facultativo, mas parece que se não fez caso d'isso.

ILHA DE S. JORGE

O sr. Anselmo Braamcamp, pela sua elevação a conselheiro de estado effectivo, perdeu o logar de deputado por S. Jorge, mas os povos d'esta ilha dispõem-se a reelegel-o, dando-lhe assim mais uma prova de alta consideração em que tem o nobre character de s. ex.^a

ILHA DO PICO

N'esta ilha na manhã de 20 de outubro, sentiu-se um furacão violento, que fez alguns estragos. Começou na Area Larga, e correu pelo interior da ilha.

PAISAGEM

Em longo ceu d'anil, illuminado
Da viva luz do sol,
A fronte reclinada das montanhas
Que habita o rouxinol,
Donde namora os ramos dos loireiros
De folhas perigrinas,
Como guardas sensiveis e constantes
De longivas campinas;
A tella não será, branca e singella
D'incansavel pintor,
Onde se cruzam feiticeiros grupos
De deslumbrante côr?

Alem, entre um copado bosquesinho
De laranjaes floridos,
As flores desprendendo-lhe que pendem
Dos troncos mais cumpridos,
Murmura um manso rio ternos queixumes
D'anonymo tervor,

Nas raizes que alaga com seus prantos
 De tepido candor,
 Passando por debaixo d'uma ponte
 De troncos d'azinheira,
 D'extremos que se perdem entre as ramas
 D'aquella e d'esta beira.

Alli perto, se avista uma cabana
 Alvejante na côr,
 Toda fulgindo com modesto aceio
 Ao sol, que com amor
 Parece ir-lhe beijar o tecto d'urzes,
 Onde a trinar s'aninha
 Mériades d'insectos assaltando
 A timida andorinha,
 Que alli seu ninho faz entre os espinhos,
 Alli guarida tem,
 E em doce paz nos filhos seus emprega
 O seu velar de mãe!

A' porta, em mansa paz uma velhina,
 No sua roca fiando,
 Ao doce murmurinho do regato
 Os sons da voz casando,
 Rebanho a vigiar doido... balante
 D'ovelhas brancas... cem,
 Co'o seu rafeiro ao lado, que de manso
 As mãos lamber-lhe vem;
 Sem ter sequer receios do futuro
 Porque a doce bonança
 Da vida, sem remorsos do passado
 Lhe acende a confiança.

As brisas, que alli vem, comsigo trazem
 Monotona canção
 Dos filhos, que nos tractos da lavoira
 Os bois seguindo vão,
 De quando em quando levantando a relha

Da pesada charrua,
 Que abrindo vae nos peitos poderosos
 Da mãe rugosa e nua
 Sulcos profundos mil, donde rebente
 A agitada corôa
 Da vara, onde nuvem d'avesinhas
 De continuo nevoa.

Outras vezes, no tempo das vendimas
 As vozes doidejantes
 Das ceifeiras gentiz, por entre as vinhas
 Alucinando amantes,
 A aragem leva a despertar os echos
 Das montanhas d'alem,
 E imprime doce riso sobre os labios
 Da vigilante mãe,
 Que nos videntes sons d'esses amores
 Acha a recordação
 Dos folguedos da sua mocidade
 Tão grata ao coração!

D'uma choça, se vê surgir a frente,
 Coberta d'arvoredo,
 Da luzidia vaca, que alimenta
 O novillo, que a medo
 Ousa apenas seguir-lhe os passos lentos,
 E affeito já depois,
 Olha com sanha e como em desafio
 Meditabundos bois,
 E saltando se vae, contente, livre,
 Qual rei da immensidade,
 Gozando d'esses campos das collinas
 A fresca liberdade!

E sobre tudo aquillo, um ceu sem nuvens!
 Um ceu todo d'anil!
 Um bando de cantores emplumados
 Qual d'elles mais gentil!

Um ar sereno e puro! uma bonança
Commum ao paraizo!
Um deslizar de dias socegados
E um existir tão liso!...
Ai! não, que não ha tella em que se pinte...
Ai! não, nem ha pintor,
Que dos campos imite a singelleza,
E o sublime frescor!

REVISTA GERAL

Nas observações que fizemos á carta do sr. duque de Saldanha, muito de proposito nos não occupámos das cartas que depois apareceram no *Jornal do Commercio*, firmadas por varios cavalheiros, que em cada periodo da exposição do nobre marechal pertenderam ver uma desconsideração pessoal para si ou seus ascendentes. Não é assim: o marechal não desconsiderou ninguém—os seus labios nunca se descerraram senão para fallar a linguagem da verdade—disse-a com singelesa e exactidão, e o querer negar-se agora a perseguição de que foi victima durante a emigração, seria contrariar todos os factos e negar tudo quanto então occorreu. Talvez que se não fosse denunciada a Wellington a expedição do marechal Saldanha para a ilha Terceira com a antecipação de quatro dias, é muito provavel que o nobre duque e seus valentes companheiros não fossem então metralhados na proximidade do porto a que se destinavam.

E' curiosa a correspondencia que então houve entre o marechal e o commodoro inglez. Temos em nosso poder

copias de tudo, que mui proximamente havemos publicar, se Deos nos conservar a vida e a saude.

--Continua a mesma situação politica do paiz; correm porém boatos de que brevemente entrará para o ministerio com a gerencia da pasta da fazenda o sr. Antonio de Serpa, ficando o sr. Fontes sómente com a da guerra. Não o acreditamos, porque estando a elaborar-se o orçamento sob a direcção do sr. Fontes, é muito natural que seja este ministro quem o queira apresentar ao parlamento!

—O mesmo sr. Antonio de Serpa foi nomeado conselheiro do tribunal de contas, de que já tomou posse, e que vagára por obito do conselheiro José Maria de Lara Junior.

—Nas eleições supplementares que tiveram lugar em 21 de outubro ultimo, foram eleitos os seguintes deputados.

Pelo circulo 114, da capital, o sr. A. M. de Fontes Pereira de Mello—pelo de Paredes o sr. João Baptista Ferrão de Carvalho Mártens—por Idanha a Nova o sr. João de Andrade Corvo—por Santo Ildefonso (Porto) o sr. João Chrysostomo de Abreu e Sousa—e por Felgueiras o sr. Custodio José Vieira.

Estas eleições não foram disputadas, nem o podiam ser pela opposição, porque esta se não acha organizada; mas consta-nos que trata de organizar-se para em caso de dissolução muito provavel, entrar na arena com elementos que lhe dêem a probabilidade da victoria.

—Recolheram as tropas do campo de instrucção e manobras em Tancos, e no dia 4 do corrente anniversario natalicio do sr. infante D. Augusto houve grande parada em Lisboa, indo toda a força dividida em brigadas, passar em continencia pela frente de uma tribuna real que se armou no frontispicio do theatro de D. Maria.

A força que se apresentou n'esta parada foi a seguinte:

	<i>Offi- ciaes</i>	<i>Praças de pret</i>	<i>Total</i>
Artilheria 1	25	399	424
Artilheria 4 (bateria de montanha	5	115	120

	<i>Offi- ciues</i>	<i>Praças de pret</i>	<i>Total</i>
Cavallaria municipal	9	80	89
Lanceiros 1.....	21	186	207
Lanceiros 2.....	30	355	385
Cavallaria 4.....	22	258	280
Cavallaria 5.....	23	303	326
Infanteria municipal	30	600	630
Caçadores 2.....	28	548	576
Caçadores 5.....	29	584	613
Caçadores 6.....	24	429	453
Caçadores 9.....	26	567	593
Infanteria 1.....	30	688	718
Infanteria 2.....	30	716	746
Infanteria 4.....	27	254	281
Infanteria 5.....	28	648	676
Infanteria 7.....	29	629	658
Infanteria 10.....	32	687	719
Infanteria 11.....	22	531	553
Infanteria 16.....	30	648	678
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
	500	5225	9725

Já retiraram para es seus quartéis nas provincias os corpos que das mesmas tinham vindo para o campo das manobras. Foi grande a despeza com este movimento de tropas, como não podia deixar de ser, mas só quando se abrir o parlamento é que saberemos a cifra exacta das despesas, e ouviremos tambem da bocca dos srs. ministros qual a utilidade e vantagens obtidas pelo paiz de tamanho sacrificio.

—O sr. conselheiro Joaquim de Azevedo Lima juiz da relação dos Açores foi considerado no quadro da magistratura sem exercicio, e nomeado para o substituir n'aquelle tribunal o bacharel Felisberto Antonio de Campos, juiz de 1.^a instancia na comarca da Guarda.

Bom será que o sr. Campos vá pessoalmente tomar posse do seu logar; mas parece-nos que hão de haver as costumadas licenças, desculpas de doença, estação invernososa,

e tudo quanto se pode imaginar para que por falta de juizes aquelle utilissimo tribunal não possa funcionar.—Ha uns poucos de mezes que o sr. visconde de Gouveia foi despachado para a relação dos Açores, e até hoje não poz lá os pés nem porá; por que s. ex.^a é par do reino, o parlamento está proximo a funcionar, e o digno par prefere uma cadeira na camara senatoria áquella para que foi despachado como magistrado. Não saberia o sr. ministro isto mesmo?...

—Foi declarado sem effeito o decreto que nomeára o bacharel Bernardino Antonio da Silveira de Lacerda Pinto juiz de direito para a comarca na ilha das Flores e nomeado para o substituir o bacharel José da Cunha Barreto, actualmente delegado do procurador regio na comarca de Setubal.

—O bacharel José Ignacio Machado Faria e Maia Junior, foi nomeado juiz de direito para a comarca de Arouca.

—Foram nomeados delegados para a comarca da ilha de S. Jorge o bacharel João Rodrigues de Azevedo, e para a das Flores o bacharel João Maria da Silva Medeiros.

—Foram tambem providas na diocese de Angra, a egreja parochial de S. Pedro na mesma cidade no presbytero Francisco da Costa Coelho, beneficiado na sé cathedral, e a de Santa Barbara, na ilha de Santa Maria, no presbytero Manuel Francisco dos Santos Peixoto.

—No *Jornal do Commercio* de 9 do corrente appareceu um artigo, escripto, sem duvida, em consequencia de informações menos exactas, ácerca da Companhia Geral de Credito Predial Portuguez. Diz-se ahi que os procuradores não são devidamente informados do andamento das propostas dos seus constituintes, nem se lhes communicam em tempo os despachos do conselho.

Em abono da verdade não é exacto o que alli se diz. São muitas as procurações que temos de constituintes que nos tem confiado as suas pertencções n'aquella casa bancaria; e o digno secretario d'aquelle estabelecimento o sr. dr. Antonio Lopes Barbosa de Albuquerque, sempre com a maior promptidão e affabilidade nos dá conta dos despachos do conselho com a maior regularidade.

O publico sabe que o conselho de administração se reúne ordinariamente nas segundas e quintas feiras de cada semana e então nada mais facil aos procuradores que tem propostas em estado de serem resolvidas que apresentarem-se nos dias immediatos a saberem se tiveram ou não algum despacho.

O trabalho dos procuradores não é tanto a solicitação das propostas porque ellas na companhia tem o seu andamento regular; mas em organisal-as devidamente na conformidade das instrucções fazendo, os competentes relatorios em referencia tanto aos documentos como ás exigencias da companhia.

Quiseramos, e lá se ha de chegar, um regulamento mais simples para o exame dos documentos, e resoluções finaes sobre o pedidos de empréstimos, e por vezes temos manifestado essa idéa; mas nos funcionarios da companhia não ha demora em se communicar ás partes os respectivos despachos.

—Recebemos e muito agradecemos um exemplar do relatorio sobre a visita de inspecção extraordinaria ás escolas do districto de Lisboa no anno lectivo de 1863-1864 e estatistica das mesmas escolas no anno de 1864-1865 pelo sr. commissario dos estudos do mesmo districto Marianno Ghira.

Este livro precioso unico na sua especialidade, revela-nos não só o zelo e intelligencia com que aquelle digno funcionario exerce a missão de que se acha incumbido; mas o muito que ha a fazer para que a instrucção primaria se generalise e d'ella se tirem as vantagens que a civilisação do seculo requer.

O livro do sr. Ghira é um livro modelo para todos os commissarios dos estudos nos districtos do reino e ilhas, e se de todos tivessemos equal resultado apreciar-se-hia com tanta exactidão o estado da instrucção primaria em todo o reino, como da mesma podemos ajuizar em relação a este districto.

—Tambem recebemos um exemplar do livro que ha pouco publicou o nosso esclarecido amigo, o sr. Eduardo Ta-

vares, com o titulo de *Fructo das Horas Vagas*, que não é mais que o resultado de um serio e aturado estudo sobre a nossa situação financeira, e tambem sobre o estado de todas as repartições dependentes do ministerio da fazenda. O sr. Tavares empregado habilissimo, escriptor distincto, e zeloso por tudo quanto interessa á causa publica, propõe as reformas que julga convenientes para a melhor organização do serviço no ministerio da fazenda; com grande vantagem para o expediente e economia para os cofres do estado. O livro do sr. Tavares foi recebido pelo publico muito favoravelmente, e oxalá que o respectivo ministro não desconsidere um trabalho d'aquella importancia.

Quiseramos que este livro fosse submettido ao exame de uma commissão composta de pessoas competentes para o avaliarem, mas Deos nos livre que essa commissão fosse escolhida entre os altos funcionarios do ministerio da fazenda. Esses por certo que interessados na conservação dos emolumentos, e querendo para si toda a importancia que o sr. Tavares tem adquirido pelo estudo e pelo interesse com que se dedica ao bem da causa publica, serião contrarios ás reformas propostas.

Quando n'este paiz tivermos um governo que abrace as boas idéas, venham d'onde vierem, é que trabalhos d'esta ordem hão de ser considerados. Por em quanto não o espere o sr. Tavares.

—O sr. Campos Junior, com estabelecimento de livreiro na rua Augusta, está fazendo todos os dias novos serviços ás letras patrias editando obras de grande merecimento. Ultimamente publicou o *Olho de Vidro* do sr. Camillo Castello Branco n'um bello volume, que tem sido muito procurado. O *Olho de Vidro* não é um romance que se lêa só para desenfado; porque, fundado em factos historicos não só descreve, mas ainda apresenta documentos muito valiosos da antiga inquisição, pelos quaes podemos ajuisar do que foi esse tribunal de sangue de ominosa memoria.

—Muitas vezes temos pegado na penna para noticiarmos a publicação de um livro posthumo do nosso desditoso amigo o sr. Henrique da Costa Feijó; mas outras tantas temos

desistido do nosso intuito pela saudade que nos dilacera, lembrando-nos da muita amisade e dedicação que em vida lhe consagramos. E como não seria assim conhecendo-o desde os mais tenros annos, e observando passo a passo o desenvolvimento d'aquelle talento gigante que seria no futuro a honra e a gloria da sua patria se uma morte prematura o não roubasse tão cedo ao estudo, arrancando dos braços da mais extremosa das mães e de amigos que o estremeciam?

Falta-nos hoje o espaço para irmos mais ávante. No proximo numero fallaremos mais detidamente d'esta publicação, destinada por sua piedosa mãe para minorar os soffrimentos dos infelizes pelo producto d'esta edição.

À ÚLTIMA HORA

Sabemos que pelo ministerio das obras publicas se dirigiu nova portaria á Companhia Geral de Credito Predial Portuguez para que o governo da mesma Companhia faça convocar extraordinariamente a assemblea geral, a fim de se tratar ahi das justissimas reclamações dos srs. duque de Saldanha e barão de Lagos.

Já por vezes temos emittido a nossa opinião sobre este melindroso assumpto e continuamos a sustentar que aquelles cavalheiros tem todo o direito a uma indemnisação condigna pelos seus trabalhos, pois que aos mesmos se deve o termos hoje em Portugal um estabelecimento de credito, do qual estão gosando muitos dos que para elle não contribuíram.

É verdade que nem o governo da Companhia, nem os illustrados membros do seu conselho, nem os accionistas tiveram culpa alguma da violencia e illegalidade com que um ministro da corôa esbulhou aquelles dois cavalheiros de direitos sacratissimos que lhes foram conferidos, por decretos e alvarás que não podiam nem deviam ser rescindidos como

o foram contra direito, contra a legislação e contra as conveniencias publicas; mas está na mão de todos um accordo rasoavel e honroso, como pertendem os srs. duque de Saldanha e barão de Lagos, e como justamente foi resolvido em conselho de estado.

Os cavalheiros a quem nos referimos estão moralmente desaffrontados da violencia que lhes fez o sr. João Chrysostomo, quando ministro; porque já por um accordão do conselho de Estado, e já por duas consecutivas portarias que, o governo tem expedido á Companhia, se mostra que a sua justiça é reconhecida pelo mesmo governo; e achando se o negocio n'estes termos, pertenderá a assemblea geral da Companhia pôr-se em guerra declarada com o ministerio?

Não o acreditamos, por isso mesmo que a Companhia Geral de Credito Predial Portuguez é uma Companhia privilegiada sobre a qual tem o governo de exercer com vigilancia a mais escrupulosa fiscalisação.

— Tambem ouvimos que a Companhia vai alterar o juro dos seus empréstimos baixando-o de 6 a 5 por cento. Deve ser uma boa medida se fôr acompanhada das providencias convenientes a acreditar no mercado as obrigações prediaes.

O PADRETE DO LITO

Aspirante a este posto em 1875, em
procuração de Maria José de
oliveira n. 251, com licença de
nos dias 22 de Março de 1875
Procurador e firma da
ordem de
Aviso de 1875
Os seus
de um
ou por
fornecer

EMPRESARIO AMOTADO

Procurador e firma da
ordem de
de um
ou por
fornecer

O PAQUETE DO TEJO

Assigna-se para esta publicação em casa do seu proprietario Marianno José Cabral, na rua do Salitre n.º 331; e na livraria do sr. Campos Junior, rua Augusta n.º 77 a 81.

Preço da assignatura em Lisboa 100 réis por numero, pagos no acto da entrega.

Provincias e ilhas 720 réis por semestre, franco de porte.

Avulso 120 réis por numero.

Os srs. assignantes das provincias e ilhas podem remetter as suas assignaturas em estampilhas, ou por qualquer modo que lhes seja mais conveniente.

EMPRESTIMOS HYPOTHECARIOS

Pertencções nas secretarias, recursos no conselho de estado, dispensas matrimoniaes tanto da côrte de Roma como da nunciatura apostolica, tudo se solicita com promptidão no escriptorio da rua do Oiro n.º 232, 1.º andar. A correspondencia deve ser dirigida a Marianno José Cabral.